



**PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DE GRADUAÇÃO
ENFERMAGEM - BACHARELADO**

**DOURADOS, MS
2022**

- Reformulado pela Deliberação CE-CEPE-UEMS N° 383, de 29 de novembro de 2022.
Implantação gradativa a partir de 2023.
- Homologado, com alteração, pela Resolução CEPE-UEMS N° 2.568, de 16/12/2022.

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	4
2 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	6
3.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DO CURSO	7
3.1.1 Objetivos gerais	7
3.1.2 Objetivos específicos	7
3.2 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO	7
3.3.1 Competências Gerais	8
3.3.2 Competências e Habilidades Específicas	8
4 CONCEPÇÃO DO CURSO	10
4.1 MODELOS E TEORIAS DE ENFERMAGEM - PROCESSO DE ENFERMAGEM E A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM	11
4.2 CONCEPÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	13
4.3 CONCEPÇÃO DO PROCESSO AVALIATIVO	15
4.4 RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA	17
5 CONCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	18
5.1 Organização do Estágio Curricular Obrigatório	19
5.2 Estágio Curricular Supervisionado Não Obrigatório	20
5.3 INTEGRAÇÃO ENSINO E SERVIÇOS	20
6 RELAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO	20
6.1 CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO	21
7 REUNIÃO PEDAGÓGICA E COMISSÕES	23
7.2 Comissão de Autoavaliação do Curso	23
7.3 Comissão de Estágio Supervisionado	24
7.4 Comitê Docente Estruturante	24
7.5 Serviço de Orientação e Acompanhamento Acadêmico	24
8 CONCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES	24
9 CONCEPÇÃO E DEFINIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	25
10 DISCIPLINAS ESPECÍFICAS DA ENFERMAGEM	26
11 ALUNO ESPECIAL	26
13 ESTRUTURA CURRICULAR	28
13.1 QUADRO 5 - RESUMO DA MATRIZ CURRICULAR	29
15 PLANO DE IMPLANTAÇÃO E ADEQUAÇÕES DO CURRÍCULO	37
16 EMENTÁRIO	38
17 REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA CONSTRUÇÃO DO PPCG	73
17.1 Legislação Federal	73
17.2 Legislação Estadual	74

17.3 Criação, Credenciamento, Estatuto, Regimento Geral e Plano de Desenvolvimento Institucional da UEMS.	75
17.4 Atos legais inerentes aos Cursos de Graduação da UEMS	76
17.5 Atos legais específicos do Curso de Enfermagem	77

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

1.1 Curso: Enfermagem

1.2 Modalidade: Bacharelado

1.3 Referência: Reformulação do Projeto Pedagógico, aprovado pela Deliberação CE-CEPE-UEMS N° 383, de 29 de novembro de 2022, com vistas à adequação à legislação vigente.

1.4 Habilitação: Bacharel em Enfermagem

1.5 Turno de Funcionamento: Integral

1.6 Local de Oferta: Unidade Universitária de Dourados

1.7 Número de Vagas: 50 (cinquenta)

1.8 Regime de Oferta: Presencial

1.9 Forma de Organização: Disciplinas organizadas em regime seriado Semestral e Anual

1.10 Período de Integralização: Máximo 8 (oito) Anos.

1.11 Total da Carga Horária: 4.174 horas-relógio.

1.12 Tipos de Ingresso: Processo Seletivo vigente da UEMS

COMISSÃO ORGANIZADORA

O Comitê Docente Estruturante (CDE) do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul foi o responsável pela elaboração do presente Projeto Pedagógico de Curso de Graduação – PPCG. O CDE foi constituído pela Portaria PROE-UEMS nº 107, de 28 de junho de 2021 (DOMS, nº 10.558, de 01 de julho de 2021, p. 68-69), alterada pela Portaria PROE-UEMS nº 130, de 16 de agosto de 2021 (DOMS nº 10.609, de 18 de agosto de 2021, p. 38) e pela Portaria PROE-UEMS nº 175, de 10 de dezembro de 2021 (DOMS nº 10.705, de 13 de dezembro de 2021, p. 118). Também participaram da elaboração os demais docentes lotados no Curso.

São membros do CDE:

Profa. Dra. Márcia Maria Ribera Lopes Spessoto (presidente)

Prof. Me. Jair Rosa dos Santos

Prof. Dr. Eduardo Espindola Fontoura Junior

Profa. Dra. Fabiane Melo Heinen Ganassin

Profa. Dra. Flaviany Aparecida Piccoli Fontoura

Prof. Me. Margareth Soares Dalla Giacomassa

Prof. Dr. Rogério Dias Renovato

2 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O Curso de Graduação em Enfermagem da UEMS foi implantado em agosto de 1994, passando a ser o segundo curso de Enfermagem no Estado. A primeira estrutura curricular foi organizada de acordo com a Legislação do Conselho Federal de Educação, Parecer CFE Nº 163/72 e Resolução CFE Nº 04/72, que regulamentavam o Currículo Mínimo para o Curso de Enfermagem e Obstetrícia. Foi desenvolvido em período integral, regime seriado anual com uma carga horária de 3.585 horas (MISSIO, 2001).

A primeira reformulação do Projeto Pedagógico foi construída em 1997. A partir das Diretrizes Curriculares para a área da enfermagem, aprovadas em 2001, foi implantada uma nova proposta em 2004 que desenvolveu as atividades de ensino com um currículo integrado norteada por três eixos: Ser Humano, Saúde e Ética. Esses resultaram na organização dos conteúdos em unidades temáticas condensadas em módulos compondo as quatro séries do Curso; deixando assim de existir as disciplinas tradicionais as quais passaram a ser desenvolvidos de forma integrada, sequenciada e contextualizada (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL, 2003).

Após processo de reformulação, em 2012 foi implementado o Projeto Pedagógico que contemplava a licenciatura e o bacharelado em Enfermagem, demanda apresentada por pesquisas realizadas com os egressos do curso e que adentraram o mundo do trabalho na docência da Enfermagem (CABREIRA et al, 2009; SPESSOTO, 2011). Entretanto, o Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul determinou, por meio do Ofício nº 132/Pres./CEE/MS de 05 de agosto de 2013, que fosse extinto o curso com “duas modalidades” e que se optasse pela oferta única de bacharelado ou da licenciatura. Uma vez que o Conselho Federal de Enfermagem, por meio do Ofício nº 1016/GAB/PRES, de 18 de julho de 2014, esclareceu que não reconhece o diploma em Enfermagem somente com o grau acadêmico de licenciatura, houve a reformulação do Projeto Pedagógico em 2015, apenas no grau de bacharelado.

Decorridos 28 anos do curso de Enfermagem da UEMS, verifica-se a constante preocupação com o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem, envolvendo atores discentes, docentes e demais membros da comunidade acadêmica. Nesse sentido, a atual reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPCG) de Graduação em Enfermagem vem atender a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, que instituiu as diretrizes para extensão na educação superior, em consonância com o Plano Nacional de Educação

2014-2024. Destarte, foram realizados ajustes pedagógicos e estruturais no PPCG em um contexto de maior mobilidade acadêmica dentro e fora da instituição UEMS, por meio da oferta conjunta de disciplinas semestrais e anuais.

3.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DO CURSO

3.1.1 Objetivos gerais

- Formar profissionais capazes de atuar na educação, gestão, administração e desenvolvimento do processo de enfermagem e da assistência de enfermagem fundamentado e sistematizado, constituindo a assistência de enfermagem, com visão integral do ser humano, atendendo às peculiaridades regionais.
- Formar profissionais com visão crítica, reflexiva, ética e política mediante atitudes adquiridas na graduação, por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

3.1.2 Objetivos específicos

- Promover articulação entre o ensino, pesquisa, extensão e assistência, garantindo um ensino crítico, reflexivo e criativo, que leve a construção do perfil almejado, estimulando a realização de experimentos e/ou de projetos de ensino, pesquisa e extensão; socializando o conhecimento produzido, levando em conta a evolução epistemológica dos saberes das ciências da enfermagem e da saúde;
- Promover, gerar e difundir conhecimentos por meio da pesquisa e da extensão e outras formas de produção de conhecimentos que sustentem e aprimorem a prática pedagógica;
- Assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde;
- Articular as atividades teóricas e práticas presentes desde o início do curso, permeando toda a formação do Enfermeiro, de forma integrada e interdisciplinar;
- Estimular as dinâmicas de trabalho em grupos, por meio das reuniões pedagógicas (RP) e outros espaços que favoreçam a discussão coletiva, as relações interpessoais e a formação docente;
- Estimular valorização das dimensões éticas e humanísticas, desenvolvendo no aluno e no enfermeiro atitudes e valores orientados para a cidadania e para a solidariedade;
- Contribuir para a formação de profissionais pautados nos princípios de liderança e sua inserção crítica e reflexiva nos mais variados setores da sociedade;

- Definir estratégias pedagógicas que articulem o saber; o saber fazer e o saber conviver, visando desenvolver o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer que constituem atributos indispensáveis à formação do Enfermeiro.

3.2 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva e resolutiva.

Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na região de atuação. Atuar nos diferentes níveis de atenção à saúde com ações de promoção, recuperação e manutenção da saúde e na prevenção de doenças, nos âmbitos individual e coletivo. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano, observando as dimensões sociais, culturais, econômicas do processo de saúde e doença como eixo norteador de sua prática.

3.3 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

3.3.1 Competências Gerais

- Estar apto a prestar e gerenciar assistência integral e sistematizada ao ser humano, família e comunidade, de modo a exercer e supervisionar funções de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde. Assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde e com a legislação que regulamenta o exercício profissional.
- Realizar ações assistenciais, educacionais, gerenciais e de pesquisas, dentro dos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética-
- Desenvolver habilidades para avaliar, sistematizar e decidir a conduta mais apropriada à tomar decisões visando ao uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas.
- Manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral.
- Estar apto a se comunicar através comunicação verbal, não verbal e habilidades de escrita e leitura.
- Estimular Desenvolver o aprendizado para uma língua estrangeira e uso de tecnologias de comunicação e informação.

- Estar apto a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz.
- Estar apto ao processo de gerenciamento e administração tanto da força de trabalho, dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde.
- Ser capaz de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, o aluno deve aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a educação e a formação das futuras gerações de profissionais, não apenas transmitindo conhecimentos, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços.

3.3.2 Competências e Habilidades Específicas

O Enfermeiro deve possuir, também, competências técnico-científicas, ético políticas, sócio educativas contextualizadas que permitam:

- Atuar profissionalmente compreendendo a natureza humana em suas dimensões, em suas expressões e fases evolutivas.
- Incorporar a ciência/arte do cuidar como instrumento de interpretação profissional.
- Estabelecer novas relações com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões.
- Desenvolver formação técnico-científica que confira qualidade ao exercício profissional.
- Compreender as políticas de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações.
- Reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema.
- Atuar nos programas de assistência integral à saúde propostos pelo Estado ser capaz de comunicar-se, de tomar decisões, de trabalhar em equipe e de enfrentar situações em constante mudança.
- Reconhecer as relações de trabalho e sua influência na saúde.
- Atuar como sujeito no processo de formação de recursos humanos.
- Responder às especificidades regionais de saúde através de intervenções planejadas estrategicamente, em níveis de promoção, prevenção, manutenção e reabilitação à saúde, dando atenção integral à saúde dos indivíduos, das famílias e das comunidades.

- Considerar a relação custo-benefício nas decisões dos procedimentos na saúde.
- Reconhecer-se como coordenador do trabalho da equipe de enfermagem.
- Assumir o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multi e interprofissional em saúde.

A formação do Enfermeiro deve atender as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS) e assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento. Esta formação tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos, habilidades e atitudes requeridos para a competência em:

- Promover estilos de vida saudáveis, conciliando as necessidades tanto dos seus clientes/pacientes quanto às de sua comunidade, atuando como agente de transformação social.
- Usar adequadamente novas tecnologias, tanto de informação e comunicação, quanto de ponta para o cuidar de enfermagem.
- Atuar nos diferentes cenários da prática profissional considerando os pressupostos dos modelos e teorias de enfermagem.
- Identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes.
- Intervir no processo de saúde-doença responsabilizando-se pela qualidade da assistência/cuidado de enfermagem em seus diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, manutenção, proteção e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência.
- Prestar cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades apresentadas pelo indivíduo, pela família e pelos diferentes grupos da comunidade.
- Compatibilizar as características profissionais dos agentes da equipe de enfermagem às diferentes demandas dos usuários.
- Integrar as ações de enfermagem às ações multiprofissionais.
- Gerenciar o processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética, com resolutividade tanto em nível individual como coletivo em todos os âmbitos de atuação profissional,
- Planejar, implementar e participar dos programas de formação e qualificação contínua dos trabalhadores de enfermagem e de saúde.
- Planejar e implementar programas de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos diferentes grupos sociais e dos distintos processos de vida, saúde, trabalho e adoecimento.
- Desenvolver, participar e aplicar pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional.

- Respeitar o código ético, os valores políticos e os atos normativos da profissão.
- Interferir na dinâmica de trabalho institucional, reconhecendo-se como agente desse processo.
- Utilizar os instrumentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde.
- Participar da composição das estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde.
- Reconhecer o papel social do enfermeiro para atuar em atividades de política e planejamento em saúde.

4 CONCEPÇÃO DO CURSO

O Curso de Enfermagem adotou as seguintes proposições que tem norteado sua proposta desde então, a saber:

1. Currículo que valoriza conteúdos teóricos e práticos sobre a área de formação (enfermagem) desde a primeira série com o propósito de reduzir a dicotomia teoria e prática.
2. Abordagem humana, precoce e contínua que permita identificar e considerar os alunos como sujeitos e corresponsáveis pelo seu aprendizado, que favoreça a aquisição da identidade profissional bem como o seu ajustamento ao Curso de Enfermagem.
3. Seleção de conteúdos com destaque para os determinantes sociais, culturais, econômicos, filosóficos, antropológicos, espirituais, psicológicos e epidemiológicos inerentes ao processo de assistir o outro integralmente através do processo e da sistematização da assistência de enfermagem.
4. Estímulo precoce e permanente à reflexão crítica do agir profissional em enfermagem na prática assistencial, de pesquisa, de extensão e de ensino.
5. Prática assistencial calcada tanto nos princípios ético-científicos que norteiam os procedimentos de enfermagem, ajustando as ações às diferentes realidades e cenários, quanto na proposta de humanização da assistência em saúde.
6. Processo de ensino-aprendizagem que conheça, reflita, avalie e promova implicações positivas na realidade de saúde e de enfermagem de Dourados e de Mato Grosso do Sul mediante acompanhamento de egressos.
7. Construção sistemática de avaliação que oportunize aprimoramento professor e aluno de enfermagem, que ressalte os aspectos observados mais pelo seu lado positivo, valorizando tanto o processo quanto os resultados.

8. Competência do professor ancorada em capacitação pedagógica e desenvolvida mediante bom relacionamento interpessoal com os alunos do Curso de Enfermagem e com seus pares.
9. Valorização das de extensão, de pesquisa e da organização estudantil e de outras atividades complementares que favoreçam tanto o envolvimento discente do Curso de Enfermagem quanto seu trânsito acadêmico.

A proposta do currículo do Curso pretende que o ensino do Processo de Enfermagem (PE) e da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) percorra todo o processo educativo do futuro enfermeiro. Além disso, o ensino da pesquisa e da extensão também se fará presente desde a primeira série, procurando aprimorar a tríade ensino-pesquisa e extensão, como uma das características inerentes ao egresso do curso de Enfermagem.

4.1 MODELOS E TEORIAS DE ENFERMAGEM - PROCESSO DE ENFERMAGEM E A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Barros e Bispo (2017) afirmam que a partir da Enfermagem Moderna, a realização das atividades práticas da enfermagem, que eram desenvolvidas de forma mais intuitiva e empírica, foram gradativamente adotando uma prática embasada em conhecimentos científicos. Esse movimento proporcionou o desenvolvimento dos modelos e das teorias de enfermagem, com o propósito de organizar e sistematizar as questões pertinentes a atividade profissional, suscitando conhecimentos que apoiam e subsidiam a prática do enfermeiro.

Os ensinamentos de Florence Nightingale se constituíram como os primeiros critérios científicos a apresentarem padrões a serem seguidos pela enfermagem. Ao longo dos anos, outros modelos e teorias foram construídas, de acordo com o contexto histórico, a cultura local, os modelos de atenção e o sistema de saúde do local de cada teórico (PIRES; BARROS; NEVES, 2022). Os autores ainda destacam a necessidade do uso de linguagem objetiva e específica na elaboração de uma ciência, a fim de caracterizar, compreender e interpretar as propriedades da profissão, incluindo todos esses componentes em uma teoria.

Morais e Ribeiro (2022) destacam que a vinculação de componentes teóricos às vivências práticas dos enfermeiros em seus diferentes cenários de atuação, permite aos profissionais a proposição e realização de inovações, evoluções e revoluções no saber e no fazer da enfermagem. Nesse sentido, observa-se que a maior parte dos modelos e das teorias da enfermagem apresentam aspectos em comum, uma vez que procuram explicar o papel dos profissionais em seus contextos de trabalho, em diferentes épocas, em busca do

mais adequado processo de cuidado ao paciente (BEZERRA, 2015; PIRES; BARROS; NEVES, 2022).

A construção das teorias de enfermagem coloca o ser - humano como o centro e conceito principal que se relaciona com outros fenômenos, o que fundamenta os eixos norteadores ou metaparadigmas de todas as teorias que se relacionam para a prática de enfermagem sendo: ser humano, saúde, meio ambiente (físico, social e simbólico) e enfermagem (AMORIM; REIS, 2022, p. 62).

Na enfermagem, os metaparadigmas podem assumir formas abstratas, uma vez que o conceito de pessoa, por exemplo, pode significar um indivíduo, único, ou uma comunidade, sendo os cuidados de enfermagem direcionados a pessoa (BARROS; BISPO, 2017).

E por meio da vivência do cuidar, o acadêmico de enfermagem identifica os problemas de enfermagem, embasando a construção do conhecimento a partir das suas bases conceituais, epistemológicas e descritivas do cuidado contidas nos modelos e nas teorias de enfermagem (SANTOS et al, 2019).

Barros e Bispo (2017) destacam que, além da caracterização profissional dentro da área da saúde, os modelos e as teorias de enfermagem possibilitam que as dinâmicas da prática e da pesquisa sejam compreendidas, analisadas, reinterpretadas e embasem o processo de enfermagem (PE) ao organizar e possibilitar a coleta de informações de maneira metódica para esclarecer e prever a prática da enfermagem. A utilização dos modelos e das teorias de enfermagem permite que os cuidados possam ocorrer de forma individual e humanizada, demonstrando a relevância e cientificidade da profissão.

Neste ínterim processo ensino-aprendizagem no curso de Enfermagem da UEMS, será pautado no percurso da construção epistemológica do domínio da profissão, considerando os modelos e as teorias de enfermagem e suas contribuições para o cuidado de enfermagem ao ser humano.

Uma vez que os referenciais teóricos proporcionam à ciência de enfermagem para sua utilização nas atividades práticas, o PE se caracteriza como o método utilizado para a aplicação dos modelos e das teorias (BARROS; BISPO, 2017). As autoras ainda destacam que o PE vem sendo utilizado no Brasil e em outros países enquanto relevante ferramenta para o cuidado de melhor qualidade.

A Resolução COFEN nº 358, de 15 de outubro de 2009, dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências. A Resolução indica que o PE se organiza em cinco fases relacionadas, interdependentes e recorrentes, sendo: coleta de dados de enfermagem;

diagnóstico de enfermagem; planejamento de enfermagem, implementação e a avaliação de enfermagem.

- I. Coleta de dados de Enfermagem (ou Histórico de Enfermagem) - processo deliberado, sistemático e contínuo, realizado com o auxílio de métodos e técnicas variadas, que tem por finalidade a obtenção de informações sobre a pessoa, família ou coletividade humana e sobre suas respostas em um dado momento do processo saúde e doença.
- II. Diagnóstico de Enfermagem - processo de interpretação e agrupamento dos dados coletados na primeira etapa, que culmina com a tomada de decisão sobre os conceitos diagnósticos de enfermagem que representam, com mais exatidão, as respostas da pessoa, família ou coletividade humana em um dado momento do processo saúde e doença; e que constituem a base para a seleção das ações ou intervenções com as quais se objetiva alcançar os resultados esperados.
- III. Planejamento de Enfermagem - determinação dos resultados que se espera alcançar; e das ações ou intervenções de enfermagem que serão realizadas face às respostas da pessoa, família ou coletividade humana em um dado momento do processo saúde e doença, identificadas na etapa de Diagnóstico de Enfermagem.
- IV. Implementação - realização das ações ou intervenções determinadas na etapa de Planejamento de Enfermagem.
- V. Avaliação de Enfermagem - processo deliberado, sistemático e contínuo de verificação de mudanças nas respostas da pessoa, família ou coletividade humana em um dado momento do processo saúde doença, para determinar se as ações ou intervenções de enfermagem alcançaram o resultado esperado; e de verificação da necessidade de mudanças ou adaptações nas etapas do Processo de Enfermagem.

A Resolução COFEN nº 358, de 15 de outubro de 2009, ainda esclarece que a Sistematização de Enfermagem organiza o trabalho profissional quanto ao método, recursos humanos e materiais, possibilitando a operacionalização do PE.

Oliveira, Carvalho e Guillem (2022, p. 319) ressaltam a importância de se diferenciar a SAE e o PE, sendo a SAE

[...] conhecida como uma abordagem ampla e dinâmica da organização do processo de trabalho de enfermagem baseado em arcabouço técnico-científico e em evidência e se relaciona com situações gerenciais, intersetoriais e legais para, inclusive, possibilitar a operacionalização do PE. Este consiste em um instrumento sistematizado e com linguagem padronizada, que serve como guia das intervenções de enfermagem na prestação do cuidado e como ferramenta metodológica operacional. Ele é constituído de 5 etapas: Coleta de Dados, Diagnósticos de Enfermagem, Planejamento de Enfermagem, Implementação e Avaliação de Enfermagem.

Nesse sentido, o curso de graduação em enfermagem entende que a formação dos acadêmicos deve ser direcionada para compreender a relação estabelecida entre as teorias de enfermagem, o PE e a SAE.

4.2 CONCEPÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

De acordo com Libâneo (2013), o ensino e aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo. Não se restringindo à ideia de transmissão de conhecimento, mas caracterizando-se como uma relação recíproca entre o docente e o acadêmico, tendo como ponto de partida o nível atual de conhecimentos, experiências e de desenvolvimento mental dos alunos. Anastasiou (2006) utiliza o termo “ensinagem” para destacar a complexidade da interação entre os participantes, o aluno e o professor, que abarcam as práticas sociais do ensino e da aprendizagem. Para a autora, o “saber inclui um saber o que, um saber como, um saber por que e um saber para que” (2006, p. 15).

Nesse sentido, o curso de Enfermagem da UEMS entende que o processo de ensino e aprendizagem é permeado por estratégias didático-pedagógicas, respaldadas por concepções teóricas, que devem assegurar o alinhamento entre os objetivos pedagógicos, o percurso metodológico e a concepção de avaliação utilizada.

Historicamente, o curso se posiciona no sentido de adotar contextos de ensino e aprendizagem (teóricos, práticos, teórico-práticos) a partir de abordagens teórico-pedagógicas que compreendem o acadêmico como o principal ator no processo, colaborando na formação do enfermeiro crítico, reflexivo e atento ao cenário epidemiológico de saúde. Corrobora a concepção de Freire (2019), a respeito da necessidade de conceber a educação como prática de liberdade em oposição a uma educação como prática de dominação, assim sendo, o processo ensino aprendizagem deve estar apoiado na concepção da problematização dos homens em suas relações com o mundo, na relação dialógica entre “educador e educando”, o que possibilita que ambos aprendam de forma emancipatória.

A pandemia causada pelo coronavírus desencadeou mudanças nas estratégias utilizadas para o processo de ensino aprendizagem no curso de enfermagem da UEMS, aprimorando o uso de ferramentas tecnológicas no cotidiano das aulas teóricas. Infere-se que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) estão cada vez mais presentes no mundo do trabalho contemporâneo, fazendo-se necessária a sua incorporação ao ensino do futuro profissional enfermeiro.

Todavia, o curso defende e destaca a importância de sua oferta para a formação de enfermeiros na modalidade presencial, podendo, de acordo com a organização

didático-pedagógica, associar o uso das TICs ao processo de aprendizagem. Masetto (2009) destaca que a sociedade da informação impõe ao docente da educação superior a necessidade do domínio e uso das TICs como possibilidades a serem utilizados na pesquisa, além do ensino e da extensão. Compreende-se, nesse sentido, as estratégias e ferramentas tecnológicas como um agregador no desenvolvimento de competências e habilidades, mas nunca, como a via principal de oferta do conhecimento na área da enfermagem.

Outro ponto defendido pelo curso é o avanço na implementação de concepções teórico-pedagógicas que procuram instigar a formação consciente, ativa, crítica, reflexiva e autônoma dos acadêmicos. Em associação, o curso busca a formação de Enfermeiros sob a perspectiva do Sistema Único de Saúde (SUS), a partir das orientações das DCEnf de 2001.

Masetto (2018) aponta a necessidade de aprender por pesquisa, na construção de conhecimento interdisciplinar e interprofissional, atentos aos problemas surgidos no cenário histórico atual como parâmetros a serem utilizados na aquisição de conhecimentos dos acadêmicos. Nesse sentido, o autor aponta o uso de metodologias pedagógicas ativas como uma estratégia relevante na constituição do processo de ensino e aprendizagem, sendo compreendidas de maneira educacional:

- Como estratégias que pretendem incentivar e desenvolver o protagonismo e a autonomia do aluno em seu processo de aprendizagem e formação profissional;
- Que incentivam os processos do aprender individual e colaborativo;
- são instrumentos escolhidos para o alcance dos vários e diferentes objetivos de formação profissional;
- contam com a atitude de mediação pedagógica por parte do professor para a sua implementação;
- permitem ação e trabalho nos diferentes espaços de aprendizagem: presenciais nas universidades, em ambientes profissionais; em ambientes virtuais e a distância; ambientes que constituem o contexto mais amplo em que as instituições educacionais se encontram inseridas;
- produzem resultados concretos de aprendizagem: textos, projetos, resolução de problemas, atuação competente em situações profissionais, comunicação de trabalhos e projetos, debates sobre temas controvertidos (MASETTO, 2018, p. 653).

Todavia, entende-se que para a atuação docente a partir de concepções teórico-pedagógicas e metodológicas que contemplem a perspectiva de formação crítica, reflexiva, compreendendo o acadêmico como corresponsável em seu processo formativo, é

imprescindível a constante capacitação dos docentes, a qual objetiva profunda e real mudança nas concepções de ensino e aprendizagem.

4.3 CONCEPÇÃO DO PROCESSO AVALIATIVO

Entre as ferramentas utilizadas para o desenvolvimento das atividades avaliativas, os professores poderão utilizar os referenciais teóricos da Taxonomia de Bloom e a Pirâmide de Miller.

A avaliação por competências nas profissões da área da saúde deve estar pautada nos objetivos instrucionais para que a escolha da mesma seja coerente e pertinente. Para Ferraz e Belhot (2010, p. 422):

a definição clara e estruturada dos objetivos instrucionais, considerando a aquisição de conhecimento e de competências adequados ao perfil do egresso direcionará o processo de ensino para a escolha adequada de estratégias, métodos, delimitação de conteúdos e instrumentos de avaliação, conseqüentemente uma aprendizagem afetiva.

Ferraz e Belhot (2010) destacam que a taxonomia de Bloom tem por finalidade auxiliar a identificar e declarar os objetivos ligados ao desenvolvimento cognitivo que engloba a aquisição do conhecimento, competências e atitudes visando facilitar o planejamento do processo ensino e aprendizagem. A taxonomia é um instrumento adequado para ser utilizado no ensino superior. A Taxonomia foi proposta por Bloom et al., em 1956, para ajudar no planejamento, organização e controle dos objetivos de aprendizagem. Possui três grandes domínios:

- I. Cognitivo – relacionado ao aprender, dominar um conhecimento. Aquisição de novos conhecimentos. Desenvolvimento intelectual, de habilidades e atitudes. Compreende seis categorias hierárquicas (complexidade e dependência): conhecimento – compreensão – aplicação – análise – síntese e avaliação;
- II. Afetivo – relacionado a sentimentos e posturas. Envolve categorias ligadas ao desenvolvimento da área emocional e afetiva que incluem: comportamento – atitude – responsabilidade – respeito – emoção e valores. As categorias desse domínio são a receptividade, resposta, valorização, organização e caracterização;
- III. Psicomotor - relacionado a habilidades físicas específicas. Envolve quatro categorias: imitação – manipulação – articulação – naturalização. A taxonomia dos objetivos cognitivos é estruturada em níveis de complexidade crescente do mais simples ao mais complexo. Para adquirir uma nova habilidade pertencente ao próximo nível o aluno deve ter dominado e adquirido a habilidade do nível anterior.

A Pirâmide de Miller avalia a competência profissional organizada em quatro níveis: conhecimento (saber), como aplicar estes conhecimentos em casos concretos (saber como), como aplicar estes conhecimentos nos cenários de práticas ou ambientes simulados (demonstrar como) e por último o aluno deve demonstrar tudo o que é capaz de fazer (fazer como). Destacam-se na Figura 1 os níveis de avaliação da Pirâmide de Miller (VAN der VLEUTEN et al., 2010).

Figura 1 – Pirâmide de Miller.



Fonte: <http://www.revistapediatria.cl/vol3num2/3.htm>

Este referencial possibilita a utilização de inúmeros instrumentos, tais como: questões de múltipla escolha, testes de correlacionar, questões de completar, perguntas com resposta curta, perguntas com resposta aberta (dissertativas longas), prova oral de casos clínicos, discussão baseada em caso clínico, avaliação de habilidades clínicas, exame clínico objetivo estruturado, exame de procedimentos objetivo estruturado, avaliação objetiva estruturada de habilidades técnicas, estudos de caso (curto e longo), minixercício de exame clínico, portfólio, pesquisa de opinião com usuários (pacientes), avaliação global ou nota conceitual, autoavaliação, avaliação por pares, exame de profissionalismo em educação médica, exame clínico objetivo estruturado para grupo, exercício de miniavaliação clínica para equipes entre outros.

4.4 RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

O Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem busca tecer articulações entre a teoria e a prática, não como campos distintos do saber, e sim como espaços que se entrelaçam no espaço educativo ao longo da formação do enfermeiro em suas múltiplas dimensões, sem se restringir à dicotomia teoria e prática.

Nesse percurso de formação inicial, os conhecimentos mais gerais do campo da Saúde e das Ciências Humanas e Sociais se articulam com os saberes das Ciências da Enfermagem, iniciando pelas unidades temáticas já do primeiro ano do curso de Enfermagem.

Os componentes teóricos ministrados principalmente nas salas de aulas, podem se estender a outros ambientes, como os virtuais, integrar-se às aulas práticas em laboratórios, em cenários de atenção à saúde (unidades básicas de saúde e os ambientes hospitalares), como também por meio dos estágios curriculares supervisionados.

Entendemos que aula prática no curso de Enfermagem pode ser assim conceituada:

- Aulas práticas de conteúdos relacionados às Ciências da Saúde e às Ciências Sociais e Humanas são aquelas realizadas de modo articulado à teoria, priorizando ações de reflexão, tendo como cenários de ensino e aprendizagem, além dos laboratórios, dentre eles, laboratórios de histologia, de informática, outras estratégias, como por exemplo, o role play, a simulação, dentre outras estratégias.
- Aulas práticas das Ciências de Enfermagem compreendem atividades de ensino, organização, supervisão, orientação e avaliação, visando oferecer ao aluno a oportunidade de aplicação prática dos conhecimentos teóricos, o aperfeiçoamento de atitudes profissionais e humanísticas, a melhoria de mecanismos para aplicação, comparação e avaliação dos conhecimentos apreendidos no curso, tendo como cenários de aprendizagem unidades básicas de saúde, hospitais, dentre outros. As aulas práticas, nesse caso, serão ministradas e supervisionadas por professores-enfermeiros e dotadas de regulamento específico aprovada em colegiado do curso com anuência da Pró-Reitoria de Ensino. Para o desenvolvimento dessas aulas deverá ser atendida também a legislação vigente do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), observando-se o nível de complexidade da assistência de Enfermagem prestada.

As aulas práticas de laboratórios serão organizadas de acordo com as normas institucionais, com a finalidade de garantir que sejam produtivas e atendam às condições mínimas de segurança. Desse modo, o professor desenvolverá aulas práticas com grupos de alunos rotativos. Assim, enquanto um grupo estiver participando das aulas práticas de uma determinada disciplina, outro grupo estará em aula de outra disciplina, invertendo-se posteriormente os grupos e repetindo as atividades.

O mesmo procedimento deverá atender as disciplinas do curso não específicas da Enfermagem que contenham horas teóricas e horas de práticas laboratoriais, sendo elas: Anatomia aplicada à Enfermagem, Histologia aplicada à Enfermagem, Bioquímica aplicada à

Enfermagem, Biologia Geral aplicada à Enfermagem, Fundamentos de Fisiologia Humana e Biofísica aplicada à Enfermagem, Parasitologia aplicada à Enfermagem, Microbiologia aplicada à Enfermagem, Imunologia aplicada à Enfermagem, Farmacologia aplicada à Enfermagem I, Farmacologia aplicada à Enfermagem II e Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde. O número de docentes em cada disciplina teórico-prática dependerá da especificidade de conteúdo e da quantidade de alunos.

Nos diferentes campos de aulas práticas (hospitais, unidades básicas de saúde, creches e outros) a divisão de alunos por professores respeitará a exigência destes, bem como o regulamento das aulas práticas que será norteado pelas normas do Conselho Federal de Enfermagem (a norma vigente é a Resolução COFEN n 371 de 08 de setembro de 2010, que no Artigo 2 dispõe sobre a complexidade da assistência de enfermagem).

Observa-se que as aulas práticas e o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório a serem desenvolvidos pelas áreas de conhecimento das Ciências da Enfermagem serão regulamentados conforme legislação vigente.

Como estratégia de integração curricular, em cada série deverão ser planejados, elaborados e implementados temas transversais com o intuito de fortalecer a perspectiva interdisciplinar do currículo integrado do curso.

5 CONCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Conscientes das constantes mudanças que o país atravessa nas áreas social-econômica-política e cultural, bem como da realidade do ensino em Enfermagem, o Curso de Enfermagem, modalidade bacharelado, adota o estágio curricular supervisionado como estratégia para proporcionar ao aluno uma visão crítica da profissão, com intuito de torná-lo capaz de operacionalizar a teoria em relação à prática, apoiado na legislação vigente, que dispõe sobre o estágio.

Estágio Curricular Supervisionado (ECS) em Enfermagem é um componente curricular de caráter teórico-prático, com objetivo de proporcionar ao aluno a aproximação com a realidade profissional, com vistas ao aperfeiçoamento técnico-científico, cultural, num processo de ação-reflexão-ação, compreendendo os conteúdos dos conhecimentos das áreas de Ciências da Saúde e Biológicas, Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Enfermagem. Considera-se o estágio curricular supervisionado, parte importante da teoria-prática, ensino-assistência e universidade-mundo do trabalho com o propósito de permitir o elo de articulação com a realidade.

Assim, espera-se que o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório (ECSO) possa auxiliar o aluno a atuar de forma concreta na saúde de modo crítico e transformador. De acordo com a Resolução CES/CNE n.º 03 de 07/11/2001, fica definido como carga horária para o estágio curricular supervisionado, o mínimo de 20% da carga horária dos conteúdos obrigatórios do curso.

O Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado, bem como a organização geral será realizado pela COES, junto aos professores do estágio e colegiado do curso em articulação com a PROE.

As instituições concedentes serão os serviços de saúde da rede pública e privada que apresentarem disponibilidade em realizar parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, mediante a celebração de convênios em conformidade com a legislação vigente.

5.1 Organização do Estágio Curricular Obrigatório

O ECSO será desenvolvido em forma de disciplina no quinto ano letivo do curso e o tempo de permanência do aluno será computado em hora-aula, perfazendo o total de 1.044 h/a, que serão divididas em 522 horas para Gerenciamento e Assistência de Enfermagem na Saúde Coletiva e 522 horas para o Gerenciamento e Assistência de Enfermagem Hospitalar. Espaço onde ocorrerá a relação da teoria com a prática.

A organização prévia do ECSO ficará a cargo da Coordenadoria do Curso de Enfermagem e da Comissão de Estágio Supervisionado (COES), responsáveis por coordenar as atividades que se referem ao vínculo com as instituições concedentes.

Todos os professores enfermeiros do Curso de Enfermagem poderão ser orientadores do ECSO, portanto, lotados na disciplina de estágio curricular supervisionado, sendo que a lotação deverá ser de uma hora-aula/aluno. Cada professor poderá supervisionar até três (3) alunos. O professor responsável no Sistema Acadêmico da UEMS (SAU) pela disciplina de ECSO, deverá computar as presenças e faltas dos acadêmicos, assim como a entrega dos relatórios finais e as notas alcançadas, tendo esse docente 1 (uma) hora/semanal de lotação para essa atividade.

O acompanhamento será desenvolvido através da realização de visitas semanais, leitura e correção de relatórios e demais atividades e ainda de momentos de discussão entre os alunos e professores envolvidos no processo, bem como com a participação do enfermeiro da organização concedente. O acadêmico poderá desenvolver o ECSO em outro município e/ou estado (uma vez que a formação do enfermeiro deve contemplar as concepções do processo saúde-doença contidas no SUS), desde que o convênio esteja instituído e regulamentado entre a UEMS e a instituição concedente. Nas situações de

desenvolvimento do ECSO em outro município, o acompanhamento realizado pelo docente enfermeiro poderá ocorrer por intermédio das ferramentas digitais.

A supervisão direta do estágio supervisionado será desenvolvida pelo enfermeiro da instituição concedente. Para o acompanhamento e execução do estágio deverá ser atendida também a legislação vigente do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), observando-se o nível de complexidade da assistência de Enfermagem prestada.

5.2 Estágio Curricular Supervisionado Não Obrigatório

O estágio curricular supervisionado não obrigatório é uma atividade opcional que contribui para a formação acadêmica profissional do aluno. A carga horária do estágio curricular supervisionado não obrigatório não poderá ser subtraída da carga horária do estágio supervisionado obrigatório.

Os campos de estágio curricular supervisionado não obrigatório serão de escolha do aluno e poderá ser realizado em outras localidades (cidade, estado ou país), desde que seja estabelecido o convênio com a instituição concedente, respeitando as normas internas e legislação federal vigente.

5.3 INTEGRAÇÃO ENSINO E SERVIÇOS

Integrar ensino-serviço permite troca de saberes, experiências, conhecimento prático, teórico e visão entre acadêmicos, profissionais e população de um determinado território. Essa integração ensino serviço potencializa as mudanças e a reorganização, tanto da formação quanto do cuidado, visando enfrentamento e respostas às necessidades de saúde da sociedade (TROMBINI, 2011).

Mudanças na estrutura curricular e pedagógica evidenciam quebra de paradigmas na concepção de saúde, necessárias para a integração entre serviços e universidades com o objetivo de reorientação dos cursos, para promover a aproximação com a realidade, bem como a estrutura curricular, docente e conteúdos que contemplem práticas pedagógicas dinâmicas, e, reconhecimento dos acadêmicos como sujeitos ativos no processo ensino-aprendizagem (LIMA et al, 2011).

6 RELAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

A indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão no Projeto Pedagógico do Curso se configura na participação dos alunos em projetos de ensino, pesquisa e extensão coordenados por professores do Curso.

A socialização dos projetos deve ocorrer ao longo do curso, e a participação deve ser estimulada entre os alunos, sempre buscando participar dos editais em que são ofertadas bolsas, seja na modalidade de iniciação científica, iniciação tecnológica ou de extensão, bem como outras.

A articulação entre ensino e pesquisa também se concretiza em conteúdos específicos para a pesquisa ministrados desde o primeiro ano de curso, e assim convergir para a elaboração final do trabalho de conclusão de curso, que pode envolver também projetos de extensão.

O estímulo à participação dos alunos em projetos de pesquisa também visa à inserção destes em programas de pós-graduação lato sensu e stricto sensu, quer ofertados pela própria instituição (Programa de Mestrado Profissional Ensino em Saúde) ou por outras instituições. Desse modo, a formação do enfermeiro precisa considerar o investimento cada vez crescente de profissionais inseridos no âmbito da pesquisa, contribuindo para a expansão do saber da Enfermagem e da Saúde, nas mais variadas esferas de atuação.

6.1 CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

A Resolução CES/CNE/MEC n. 7, de 18 de dezembro de 2018, estabelece as diretrizes para a implementação da extensão na educação superior brasileira. A Resolução atende ao preconizado no Plano Nacional de Educação (2014-2024) e determina que as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil da graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos.

Para o cumprimento da creditação da extensão nos cursos de graduação, a UEMS publicou a Instrução Normativa Conjunta PROE-PROEC/UEMS nº 1, de 21 de agosto de 2020, que regulamenta a Deliberação CE/UEMS nº 309, de 30 de abril de 2020 acerca da creditação dos projetos pedagógicos para creditação da extensão nos cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

As ações de Extensão podem ser classificadas em programa, projeto, curso, evento, prestação de serviço, publicação e outros produtos acadêmicos inseridos nas áreas temáticas alinhadas com o Plano Nacional de Extensão Universitária e a legislação vigente.

O curso de Enfermagem promoverá atividades curriculares de extensão inseridas na carga horária de disciplinas, cujo planejamento será realizado por docentes em conjunto com os discentes que irão implementá-las. E por meio da realização de projetos de extensão coordenados pelos docentes do curso e desenvolvidos junto com os discentes, de acordo

com a série na qual desenvolvem suas atividades. A carga horária decorrente dos programas e projetos de extensão, como o Programa Institucional de Extensão (PIBEX) e o Programa de Bolsa de Extensão Internacional (PIBEXin), por exemplo, poderá ser computada como carga horária da curricularização da extensão.

As disciplinas que contemplarão a creditação da extensão em sua carga horária, conforme apresentado, deverão inserir no Plano de Ensino o planejamento e o desenvolvimento previsto para as atividades, incluindo a carga horária, com aprovação do Colegiado de curso.

Para atingir o cômputo de no mínimo 10% do total da carga horária do curso, o PPCG designa o total de 419 horas-relógio de atividades curriculares de extensão. Dessas, 180 horas/relógio de extensão serão ofertadas dentro das disciplinas do curso e, o acadêmico ainda precisará realizar 239 horas-relógio de maneira individual, em atividades de extensão devidamente cadastradas na PROEC. Dessa forma, além das estratégias elencadas, os discentes serão incentivados a participarem de eventos, projetos e programas de extensão.

Destaca-se que as atividades curriculares desenvolvidas nas disciplinas, em Projetos ou Programas de extensão que serão creditadas na composição curricular do curso, não serão contabilizadas para as Atividades Complementares.

Em processos de transferência, quando se tratar de aproveitamento de disciplinas cursadas em outro curso ou IES, além da equivalência de carga horária e conteúdo, será necessário verificar a creditação de extensão, se for o caso. Dessa forma, se a disciplina analisada não apresentar carga horária de extensão, e a disciplina correspondente na matriz curricular do PPCG da Enfermagem tiver essa carga horária, o aluno deverá realizar a mesma carga horária de extensão fora da disciplina, no sentido de obter a equivalência da disciplina.

7 REUNIÃO PEDAGÓGICA E COMISSÕES

7.1 Reunião Pedagógica

As reuniões pedagógicas (RP) são semanais e tem como objetivo a organização e o planejamento das atividades de ensino, a elaboração, correção e discussões das avaliações, bem como a capacitação pedagógica do corpo docente. Todo professor lotado no Curso de Enfermagem deverá participar das RP, que necessitam de quatro (04) horas semanais para a sua realização, e que devem ser registradas no Plano de Atividades

Docentes. Os professores contratados devem participar das RP uma vez que precisam compartilhar as atividades de ensino e avaliações.

7.2 Comissão de Autoavaliação do Curso

A autoavaliação do curso é realizada de acordo com as normas e instruções institucionais, composta por comissão formada por docentes, discentes e técnicos administrativos.

7.3 Comissão de Estágio Supervisionado

A Comissão de Estágio Supervisionado (COES), é responsável por coordenar as atividades que se referem ao vínculo com as instituições concedentes para a realização das aulas práticas das Ciências da Enfermagem e do estágio curricular supervisionado. É composta por docentes e desenvolve suas atividades de acordo com as normas vigentes na UEMS.

7.4 Comitê Docente Estruturante

O Comitê Docente Estruturante (CDE), vinculado ao Colegiado do Curso, é responsável pela concepção, consolidação, acompanhamento, avaliação e proposição para adequação ou reformulação do Projeto Pedagógico do Curso, em observância às normas vigentes.

8 CONCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

As Atividades Complementares (AC) são componentes curriculares enriquecedores e complementadores do perfil do formando. Essas atividades possibilitam o reconhecimento, por avaliação de habilidades, conhecimento e competência do aluno que podem ser adquiridas fora do ambiente acadêmico, como a prática de estudos e atividades independentes, transversais, opcionais, de interdisciplinaridade, especialmente nas relações com o mercado do trabalho e com as ações de extensão e pesquisa junto à comunidade.

As AC têm como objetivo o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem colaborando não somente para a formação profissional, mas também para o despertar de uma visão mais crítica, com maior compromisso social, cultural e histórico. Para as AC serão computadas 50 horas.

Dentre as atividades complementares, portanto não curriculares, destacam-se:

- I. participação em atividades acadêmicas:

- a. monitoria acadêmica;
 - b. projetos de ensino;
 - c. cursos na área de formação e especiais;
 - d. eventos acadêmicos
 - e. módulos temáticos;
 - f. seminários;
 - g. simpósios;
 - h. congressos estudantis;
 - i. conferências;
 - j. colóquios;
 - k. palestras;
 - l. discussões temáticas;
 - m. visitas técnicas;
 - n. vivência prática;
- II. participação em atividades científicas, nas modalidades:
- a. projetos de pesquisa;
 - b. eventos científicos;
 - c. projetos de iniciação científica;
- III. participação em atividades de extensão conforme as normativas institucionais vigentes e desde que não contabilizadas entre as atividades curriculares de extensão, nas modalidades:
- a. projetos e/ou ações de extensão;
 - b. projetos e/ou eventos culturais;
 - c. festivais;
 - d. exposições.

9 CONCEPÇÃO E DEFINIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Segundo o Art. 215. da Resolução CEPE-UEMS nº 867/2008, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade curricular a ser desenvolvida no curso de graduação, a partir da segunda série.

O TCC é obrigatório, individual, com carga horária de 50 horas e terá como objetivos: possibilitar o conhecimento das Ciências da Enfermagem, Ciências da Saúde e Educação em Saúde, bem como sua aplicação visando ao aprimoramento e a complementação dos conhecimentos teórico-práticos adquiridos ao longo do curso de graduação; despertar a reflexão crítico-profissional motivando o enriquecimento de sua formação científica; propiciar a ampliação do interesse pela atividade científica relacionada aos problemas peculiares das áreas de atividade com as quais tenha afinidade; ser fruto de atividades de ensino, ou pesquisa ou extensão. O TCC será regido por Regulamento próprio aprovado pelo Colegiado de Curso com anuência da Pró-Reitoria de Ensino, conforme legislação vigente.

10 DISCIPLINAS ESPECÍFICAS DA ENFERMAGEM

São disciplinas específicas da Enfermagem com conteúdo teórico-prático: Fundamentos de Enfermagem I, Fundamentos de Enfermagem II, Enfermagem em Saúde Coletiva, Enfermagem na Saúde da Mulher I, Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente I, Sistematização da Assistência de Enfermagem I, Sistematização da Assistência de Enfermagem II, Enfermagem na Saúde da Mulher II, Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente II, Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica I, Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso I, Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso II, Enfermagem em Doenças Infecciosas e Parasitárias, Gestão e Gerenciamento em Enfermagem em serviços de saúde: unidades básicas de saúde, Gestão e Gerenciamento em Enfermagem em serviços de saúde: unidades hospitalares, Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica II, Deontologia e Legislação em Enfermagem I e Deontologia, Legislação em Enfermagem II e Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório.

11 ALUNO ESPECIAL

De acordo com o Art. 149 da Resolução CEPE-UEMS nº 867 de 19 de novembro de 2008, será permitida a matrícula de alunos especiais nas disciplinas regulares, desde que não sejam as específicas da Enfermagem com conteúdo teórico-prático.

12 A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO E O CURSO DE ENFERMAGEM

O curso de enfermagem da UEMS, compreende a relevância da internacionalização do ensino superior para o desenvolvimento do processo educativo dos discentes, nas cinco (5) séries do curso, assim como na capacitação dos docentes. De certa forma, as atividades educativas internacionais sempre existiram na Universidade, principalmente, por meio da mobilidade de docentes e discentes, da produção de conhecimento e na participação de eventos internacionais. Contudo, na atualidade, em virtude da globalização e transformação da sociedade, somos desafiados a construir um PPCG que possa atender as necessidades educativas contemporâneas, que nos impelem a estabelecer novas estratégias, prioridades e funções, na busca de elevar o patamar do curso de enfermagem da UEMS, diante do cenário nacional e internacional. Tornando-o protagonista nestes cenários e coadjuvante no

sentido de apoiar os acadêmicos e professores para que possam ser sujeitos deste novo processo educativo.

A internacionalização é um fenômeno da atualidade e vem estabelecendo-se em todas as Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil, em especial as IES públicas. Portanto, necessitamos entender o que é a internacionalização da educação (IE), que conforme De Wit e colaboradores (2015, p. 29) a IE é:

o processo **intencional** de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções e no provimento da educação pós-secundária, de forma a **melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os estudantes e professores, e contribuir de forma significativa para a sociedade** (grifos originais).

Desta forma, o curso de enfermagem da UEMS, em consonância com a política da Universidade, expressa o seu apoio e incentivo a prática da internacionalização, bem como o seguimento de suas diretrizes, sempre que possível. Também deixamos registrado neste PPP, algumas legislações existentes na UEMS, que foram criadas para alicerçar a política de internacionalização desta universidade. São elas: (i) a Resolução CEPE-UEMS Nº 2.260, de 4 de dezembro de 2020: que trata da aprovação da Política de Internacionalização da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Essa política, de modo geral, tem como finalidade elevar a qualidade da educação superior no estado de Mato Grosso do Sul; (ii) No seu artigo 7º, cria a Assessoria de Relações Internacionais (ARELIN), que é o órgão de assessoramento da Reitoria responsável pela promoção e consolidação da internacionalização da UEMS (Portaria UEMS Nº 007/2014); (iii) Resolução CEPE-UEMS Nº 2.261, de 4 de dezembro de 2020: Ela trata das modalidades do Programa de Mobilidade, portanto, existem as seguintes possibilidades: a) Intercâmbio de Ensino; b) Intercâmbio de Pesquisa; c) Intercâmbio de Extensão; d) Intercâmbio de Estágio; Intercâmbio *Short*; (iv) Resolução COUNI-UEMS Nº 584, de 13 de janeiro de 2021: esta resolução tratou de aprovar o regulamento do Programa Institucional de Apoio Financeiro à Mobilidade Nacional e Internacional, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

13 ESTRUTURA CURRICULAR

Compreende-se as disciplinas do Grupo 1: aquelas que tem por base comum neste contexto, as disciplinas que poderão ser realizadas em outros cursos de graduação da Instituição, possibilitando com isso o processo de mobilidade acadêmica, desde que aprovadas pelo Colegiado de Curso.

Quadro 1 - Disciplinas do Grupo 1.

Disciplina	Carga Horária (hora-aula)
Saúde, Cultura e Sociedade	68
Anatomia aplicada à Enfermagem	68
Histologia aplicada à Enfermagem	68
Biologia Geral aplicada à Enfermagem	68
Bioquímica aplicada à Enfermagem	68
Didática aplicada à Enfermagem	68
Epidemiologia	68
Bioestatística	34
Metodologia Científica aplicada à Enfermagem	68
Parasitologia Aplicada à Enfermagem	68
Fundamentos de Fisiologia Humana e Biofísica aplicada à Enfermagem	136
Microbiologia aplicada à Enfermagem	68
Imunologia aplicada à Enfermagem	68
Farmacologia aplicada a Enfermagem I	68
Nutrição aplicada à Enfermagem I	34
Nutrição aplicada à Enfermagem II	34
Psicologia Aplicada à Enfermagem I	68
Farmacologia aplicada à Enfermagem II	68
Antropologia Filosófica	68
Psicologia aplicada à Enfermagem II	68
Patologia aplicada à Enfermagem	68
Práticas Educativas em Saúde	68

Compreende-se as disciplinas do Grupo 2: conteúdos específicos para a área de formação do Enfermeiro(a), ou seja, aquelas que são referentes a disciplinas específicas da raiz do curso de graduação.

Quadro 2 - Disciplinas do Grupo 2.

Disciplina	Carga Horária (hora-aula)
Fundamentos de Enfermagem I	68
História da Enfermagem	68
Deontologia e Legislação em Enfermagem I	34
Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde I	51
Sistematização da Assistência de enfermagem I	34
Enfermagem em Saúde Coletiva	204
Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente I	68
Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica I	102
Fundamentos de Enfermagem II	136
Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde II	51
Educação em Enfermagem	68
Sistematização da Assistência de enfermagem II	34
Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente II	85
Enfermagem em Saúde do Adulto I	170
Enfermagem em Saúde do Adulto II	170
Enfermagem em Saúde da Mulher I	102
Deontologia e Legislação em Enfermagem II	34
Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso III	102
Enfermagem em Doenças Infecciosas e Parasitárias	102
Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica II	68
Gestão e Gerenciamento em Enfermagem em serviços de saúde: unidades básicas de saúde	102
Gestão e Gerenciamento em Enfermagem em serviços de saúde:	102

unidades hospitalares	
Enfermagem em Saúde da Mulher II	136

13.1 QUADRO 3 - MATRIZ CURRICULAR

Série	Disciplina	Carga Horária (hora-aula)				
		Total	Teoria	Prática	EAD	Extensão
1º sem	Saúde, Cultura e Sociedade	68	47	13	-	8
1º sem	Fundamentos de Enfermagem I	68	34	34	-	0
1º sem	Anatomia aplicada à Enfermagem I	68	47	13	-	8
1º sem	Histologia aplicada à Enfermagem	68	51	17	-	0
1º sem	Biologia Geral aplicada à Enfermagem	68	51	17	-	0
1º sem	Bioquímica aplicada à Enfermagem	68	51	17	-	0
2º sem	História da Enfermagem	68	68	0	-	0
2º sem	Deontologia e Legislação em Enfermagem I	34	34	0	-	0
2º sem	Didática aplicada à Enfermagem	68	68	0	-	0
2º sem	Epidemiologia	68	68	0	-	0
2º sem	Bioestatística	34	34	0	-	0
2º sem	Metodologia Científica aplicada à Enfermagem	68	68	0	-	0
2º sem	Parasitologia Aplicada à Enfermagem	68	47	13	-	8
1ª série - Anual	Fundamentos de Fisiologia Humana e Biofísica aplicada à Enfermagem	136	115	13	-	8
1ª série -	Microbiologia aplicada à	68	47	13	-	8

Anual	Enfermagem					
3º sem	Nutrição aplicada à Enfermagem I	34	34	0	-	0
3º sem	Patologia aplicada à Enfermagem	68	47	13	-	8
3º sem	Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde I	51	34	17	-	0
3º sem	Práticas Educativas em Saúde	68	60	0	-	8
4º sem	Sistematização da Assistência de enfermagem I	34	34	0	-	0
2ª série Anual	Imunologia aplicada à Enfermagem	68	47	13	-	8
2ª série Anual	Farmacologia aplicada à Enfermagem I	68	47	13	-	8
2ª série Anual	Enfermagem em Saúde Coletiva	204	90	90	-	24
2ª série Anual	Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente I	68	30	30	-	8
2ª série Anual	Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica I	102	64	30	-	8
2ª série Anual	Fundamentos de Enfermagem II	136	64	64	-	8
5º sem	Nutrição aplicada à Enfermagem II	34	34	0	-	0
5º sem	Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde II	51	34	17	-	0
5º sem	Educação em Enfermagem	68	60	0	-	8
6º sem	Sistematização da Assistência de enfermagem II	34	34	0	-	0
6º sem	Psicologia Aplicada à Enfermagem I	68	60	0	-	8

3ª série Anual	Farmacologia aplicada a Enfermagem II	68	47	13	-	8
3ª série Anual	Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente II	85	47	30	-	8
3ª série Anual	Enfermagem em Saúde do Adulto I	170	102	68	-	0
3ª série Anual	Enfermagem em Saúde do Adulto II	170	102	68	-	0
3ª série Anual	Enfermagem em Saúde da Mulher I	102	64	30	-	8
7º sem	Deontologia e Legislação em Enfermagem II	34	34	0	-	0
7º sem	Antropologia Filosófica	68	60	0	-	8
8º sem	Psicologia aplicada à Enfermagem II	68	60	0	-	8
4ª série Anual	Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso III	102	64	30	-	8
4ª série Anual	Enfermagem em Doenças Infecciosas e Parasitárias	102	64	30	-	8
4ª série Anual	Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica II	68	30	30	-	8
4ª série Anual	Gestão e Gerenciamento de Enfermagem em serviços de saúde: unidades básicas de saúde	102	68	34	-	0
4ª série Anual	Gestão e Gerenciamento de Enfermagem em serviços de saúde: unidades hospitalares	102	68	34	-	0
4ª série Anual	Enfermagem em Saúde da Mulher II	136	60	60	-	16
5ª série	Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório	1050	-	1050	-	-

Anual	Supervisionado Obrigatório					
TOTAL		4.603	2.473	1.914	-	216

13.2 QUADRO 4 - RESUMO DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Componentes Curriculares	Carga Horária	
	Hora-aula	Hora relógio
Grupo 1	1462	1218
Grupo 2	2.091	1742
Extensão	-	239 ¹
Atividades Complementares	-	50
Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório	-	875
Trabalho de Conclusão de Curso	-	50
Total		4.174

¹ As demais 180 horas-relógio destinadas à curricularização da extensão serão desenvolvidas dentro de disciplinas.

14 – QUADRO 5 – EQUIVALÊNCIA ENTRE AS DISCIPLINAS DO PP DE 2015 E DO PP DE 2023.

2015					2023					
Série	Disciplina	T	P	Total	Sem./ Anual	Disciplina	T	P	Atividades Curriculares de Extensão	Total
1ª	Saúde, Cultura e Sociedade	51	17	68	1ª	Saúde, Cultura e Sociedade	47	13	8	68
1ª	Deontologia e Legislação em Enfermagem I	34	0	34	1ª	Deontologia e Legislação em Enfermagem I	34	0	0	34
1ª	História da Enfermagem	68	0	68	1ª	História da Enfermagem	68	0	0	68
1ª	Didática aplicada à Enfermagem	68	0	68	1ª	Didática aplicada à Enfermagem	68	0	0	68
1ª	Anatomia aplicada à Enfermagem	51	17	68	1ª	Anatomia aplicada à Enfermagem I	47	13	8	68
1ª	Histologia aplicada à Enfermagem	51	17	68	1ª	Histologia aplicada à Enfermagem	51	17	0	68
1ª	Fundamentos de Fisiologia Humana e Biofísica aplicada à Enfermagem	119	17	136	1ª	Fundamentos de Fisiologia Humana e Biofísica aplicada à Enfermagem	111	17	8	136
1ª	Biologia Geral aplicada à Enfermagem	51	17	68	1ª	Biologia Geral aplicada à Enfermagem	51	17	0	68
1ª	Bioquímica aplicada à Enfermagem	51	17	68	1ª	Bioquímica aplicada à Enfermagem	47	13	0	68

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

1 ^a	Parasitologia Aplicada à Enfermagem	51	17	68	1 ^a	Parasitologia Aplicada à Enfermagem	47	13	8	68
1 ^a	Microbiologia aplicada à Enfermagem	51	17	68	1 ^a	Microbiologia aplicada à Enfermagem	47	13	8	68
1 ^a	Fundamentos de Enfermagem I	34	34	68	1 ^a	Fundamentos de Enfermagem I	34	34	0	68
1 ^a	Metodologia Científica aplicada à Enfermagem	68	0	68	1 ^a	Metodologia Científica aplicada à Enfermagem	68	0	0	68
1 ^a	Epidemiologia	68	0	68	1 ^a	Epidemiologia	68	0	0	68
1 ^a	Bioestatística	34	0	34	1 ^a	Bioestatística	34	0	0	34
2 ^a	Fundamentos de Enfermagem II	68	68	136	2 ^a	Fundamentos de Enfermagem II	64	64	8	136
2 ^a	Enfermagem em Saúde Coletiva	102	102	204	2 ^a	Enfermagem em Saúde Coletiva II	90	90	24	204
2 ^a	Imunologia aplicada à Enfermagem	51	17	68	2 ^a	Imunologia aplicada à Enfermagem	47	13	8	68
2 ^a	Patologia aplicada à Enfermagem	68	0	68	2 ^a	Patologia aplicada à Enfermagem	60	0	8	68
2 ^a	Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica I	68	34	102	2 ^a	Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica I	68	34	8	102

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

2ª	Enfermagem em Saúde da Criança e Adolescente I	34	34	68	2ª	Enfermagem em Saúde da Criança e Adolescente I	30	30	8	68
2ª	Enfermagem em Saúde da Mulher I	34	34	68	3ª	Enfermagem em Saúde da Mulher I	64	30	8	102
2ª	Farmacologia aplicada a Enfermagem I	51	17	68	2ª	Farmacologia aplicada a Enfermagem	47	13	8	68
2ª	Nutrição aplicada à Enfermagem I	34	0	34	2ª	Nutrição aplicada à Enfermagem I	34	0	0	34
2ª	Sistematização da Assistência de enfermagem I (SAE - I)	34	0	34	2ª	Sistematização da Assistência de Enfermagem I (SAE - I)	34	0	0	34
2ª	Psicologia Aplicada à Enfermagem I	68	0	68	3ª	Psicologia Aplicada à Enfermagem I	68	0	8	68
2ª	Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde I	17	17	34	2ª	Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde I	34	17	0	34
2ª	Práticas Educativas em Saúde	68	0	68	2ª	Práticas Educativas em Saúde	68	0	8	68
3ª	Enfermagem em Saúde da Criança e Adolescente II	51	51	102	3ª	Enfermagem em Saúde da Criança e Adolescente II	51	34	8	85
3ª	Sistematização da Assistência de enfermagem	34	0	34	3ª	Sistematização da Assistência de	30	0	0	34

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

	II (SAE - II)					Enfermagem II (SAE - II)				
3ª	Enfermagem em Saúde da Mulher II	68	68	136	4ª	Enfermagem em Saúde da Mulher II	60	60	16	136
3ª	Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso I	204	136	340	3ª	Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso I	102	68	0	170
					3ª	Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso II	102	68	0	170
3ª	Farmacologia aplicada à Enfermagem II	51	17	68	3ª	Farmacologia aplicada à Enfermagem II	47	13	8	68
3ª	Nutrição aplicada à Enfermagem II	34	0	34	3ª	Nutrição aplicada à Enfermagem II	34	0	0	34
3ª	Psicologia aplicada à Enfermagem II	68	0	68	4ª	Psicologia aplicada à Enfermagem II	68	0	8	68
3ª	Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde II	17	17	34	3ª	Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde II	34	17	0	34
3ª	Educação em Enfermagem	102	0	102	3ª	Educação em Enfermagem	56	0	8	68
4ª	Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso II	68	68	136	4ª	Enfermagem em Saúde do Adulto e do Idoso III	64	30	8	102

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

4 ^a	Enfermagem em Doenças Infecto Parasitárias	68	34	102	4 ^a	Enfermagem em Doenças Infecciosas e Parasitárias	62	28	8	102
4 ^a	Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica I	34	34	68	4 ^a	Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica I	34	34	8	68
4 ^a	Administração de Enfermagem em Saúde Coletiva	68	68	136	4 ^a	Gestão e Gerenciamento em Enfermagem em serviços de saúde: unidades básicas de saúde	68	34	0	136
4 ^a	Administração de Enfermagem Hospitalar	68	68	136	4 ^a	Gestão e Gerenciamento em Enfermagem em serviços de saúde: unidades hospitalares	68	34	0	136
4 ^a	Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde III	17	17	34	4 ^a	Extinta. Conteúdo e carga horária redistribuídos em Projeto em Ciências da Enfermagem e da Saúde I e II	0	0	0	0
4 ^a	Deontologia e Legislação em Enfermagem II	34	0	34	4 ^a	Deontologia e Legislação em Enfermagem II	34	0	0	34
4 ^a	Antropologia Filosófica	68	0	68	4 ^a	Antropologia	60	0	8	68

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

						Filosófica				
5ª	Estágio Supervisionado Obrigatório			986	5ª	Estágio Supervisionado Obrigatório				1.049

15 PLANO DE IMPLANTAÇÃO E ADEQUAÇÕES DO CURRÍCULO

O currículo será implantado a partir de 2024 e a elaboração de resoluções ou atualização destas envolvendo as atividades complementares, estágios supervisionados e trabalho de conclusão de curso ocorrerão após aprovação do projeto pedagógico.

Com relação à lotação dos professores, as disciplinas pedagógicas específicas da enfermagem, como Práticas Educativas em Saúde e Educação em Enfermagem devem ser ministradas por professores das áreas de Enfermagem ou Saúde, considerando sua formação inicial, área de mestrado ou doutorado, com preferência na área de Educação, e atuação como pesquisador no âmbito da Educação em Saúde e Educação em Enfermagem. Para essas disciplinas, poderão ser lotados mais de um professor, por exemplo, Práticas Educativas em Saúde, com 68 horas/aula, dois professores com 34 horas/aula.

O aluno reprovado em alguma disciplina terá direito a garantia de cursar disciplinas correspondentes no projeto a ser implantado a partir do ano de 2024, bem como está garantido o direito de cursar no projeto de ingresso. Caso o aluno opte em migrar para o projeto novo (que está sendo implantado) terá direito às adaptações necessárias. Observa-se ainda que o aluno reprovado na primeira série do Projeto Pedagógico de 2015 deverá migrar para o projeto de 2024.

16 EMENTÁRIO

PRIMEIRA SÉRIE

1. SAÚDE, CULTURA E SOCIEDADE

Ementa: Saúde e doença – conceitos em perspectiva histórica. Dimensões da vulnerabilidade. Fatores sociais e a questão dos indicadores de saúde. Diversidade de gênero. Raça, etnia e saúde pública. Processo de trabalho no campo da saúde: cenário, atores e funções. Formação Histórica do Sistema Único de Saúde: princípios, diretrizes e legislação. Indicadores de saúde locais e regionais.

Objetivos: Descrever novas relações com o contexto social e reconhecer a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões; diferenciar os conceitos de raça, etnia, cultura, civilização, etnocentrismos, racismo contra as minorias; compreender a política de saúde no contexto das políticas sociais; reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida; identificar as necessidades individuais de saúde do indivíduo e da coletividade, bem como seus condicionantes e determinantes.

Bibliografia Básica:

BERTOLLI FILHO, Cláudio. História da Saúde Pública no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas. Brasília, DF, 2002.

COLLING, A. M. e TEDESCHI, L. A. (orgs.). Dicionário crítico de gênero. Dourados/ MS: Editora da UFGD, 2015.

LEGISLAÇÃO BÁSICA DO SUS. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/legislacao-basica-do-sus/>

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. Physis. Rev. Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 17 (1): 29-41, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/abstract/?lang=pt>

Bibliografia complementar:

ROSELLÓ, F. T. Antropologia do cuidar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ROSEN. G. Uma história da saúde pública. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

VASCONCELOS, E.M. (organizador). A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001.

WEST, C. Questão de raça. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

2. DEONTOLOGIA E LEGISLAÇÃO EM ENFERMAGEM I

Ementa: Conteúdos envolvendo deontologia e legislação profissional em enfermagem, estimulando a compreensão e discussões de dilemas bioéticos existentes em nossa sociedade, favorecendo o pensamento crítico do aluno sobre a temática.

Objetivos: Iniciar formação técnico-científica que confira qualidade ao exercício profissional; assumir o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional em saúde; conhecer as características profissionais da equipe de enfermagem; conhecer o processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética; reconhecer o papel social do enfermeiro e as formas de organização das entidades de classe; e desenvolver pesquisas bibliográficas relacionadas a ética no agir profissional do enfermeiro.

Bibliografia básica

CAMARGO, M. Ética, vida e saúde. 6. ed. São Paulo: Vozes, 1981.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Código de ética dos profissionais de enfermagem. Rio de Janeiro: 1993.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução 311: Código de ética dos profissionais de enfermagem. Rio de Janeiro 08 de fevereiro de 2007.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DO MATO GROSSO DO SUL. Legislação Básica para o exercício da Enfermagem. 2001.

DINIZ, D; GUILHEM, D. O que é bioética? São Paulo: Brasiliense, 2002.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

GELAIN, I. Deontologia e enfermagem. 3. ed. São Paulo: EPU, 1998.

PETROIANU, A. Ética, moral e deontologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

Bibliografia complementar:

LIRA, N. F.; BONFIN, M. E. S. História da enfermagem e legislação. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1989.

SILVA, J. Responsabilidade Civil do Enfermeiro. João Pessoa. 2006.

MARTA, G.N, MARTA, T, N. Aborto de fetos anencefálicos, Revista Associação Médica Brasileira, 2010.

MELO, M.L.R; AKIKO, L.K.H. Aborto espontâneo e provocado: sentimentos vivenciados pelos homens.

Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn, 2006.

3. HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

Ementa: A história da enfermagem científica: a evolução da enfermagem no mundo, no Brasil, no estado de Mato Grosso do Sul e em Dourados. A História do curso de Enfermagem da UEMS. A evolução do ensino de enfermagem e a importância do cuidado como direito do ser humano.

Objetivos: Compreender a ciência da arte do cuidar como instrumento de interpretação profissional; conhecer e refletir sobre a história da prática da enfermagem; contextualizar a história da enfermagem no Brasil, no Mato Grosso do Sul e em Dourados.

Bibliografia Básica:

BEN A. Florence Nightingale: A Enfermeira com uma lanterna na batalha. São Paulo. Heroes, 1992.

GEOVANINI, T.; MOREIRA, A.; DORNELLES, S.; MACHADO, W.C.A. História da enfermagem: versões e interpretações. 3. Ed. São Paulo: Revinter.

LIRA, N. F.; BONFIN, M. E. S. História da enfermagem e legislação. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1989.

MARTINS A.B. UEMS através do tempo: A saga de uma universidade sob a visão do jornal O Progresso 1990 a 1995. Mato Grosso do Sul. Nicanor Coelho, 2006.

RENOVATO, R. D. ; MISSIO, L. . O curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: a história dos seus primeiros doze anos. In: VII Jornada do HISTEDBR - " O trabalho didático na história da educação", 2007, Campo Grande - MS. Anais da VII Jornada do HISTEDBR - História, Sociedade e Educação no Brasil. Campo Grande-MS : UNIDERP, 2007. v. 1. p. 1-20.

Bibliografia Complementar:

FURUKAWA, P.O. Comparativo de personagens da história da enfermagem brasileira. Esc. Anna Nery Rev Enferm, 2009; 13(2):402-05

HERE – Revista Eletrônica: História da Enfermagem. Disponível: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/>

PAIXÃO, W. História da enfermagem. 5. ed.. Rio de Janeiro: Julio C. Reis Livraria, 1979.

VASCONCELO; E.M.; Perplexidade na Universidade: vivências nos cursos de saúde. São Paulo: Hucitec, 2006.

4. ANATOMIA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Fundamentação teórico-prática da Anatomia no conhecimento do Corpo Humano abrangendo nomenclaturas e divisões anatômicas, estruturas e funções corporais. Compreendendo desta forma: Células, Tecidos e Órgãos do: Sistema Tegumentar; Sistema Esquelético, Articular e Muscular; Sistema Cardiovascular; Sistema Respiratório; Sistema Linfático; Sistema Nervoso; Sentidos Especiais; Sistema Digestório; Sistema Renal; Sistema Endócrino e Sistema Genital Feminino e Masculino.

Objetivos: Conhecer as estruturas do corpo humano bem como, saber as suas funções e localizações, podendo fazer o reconhecimento visual e descritivo de cada sistema estudado; conhecer as estruturas anatômicas do corpo humano, bem como saber as suas ações e localizações.

Bibliografia Básica:

DANGELO, J.G. Anatomia Humana Básica. São Paulo: Atheneu, 2005.

MOORE, K. L.; DALLEY, A. F. Anatomia orientada para a clínica. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.

NETTER, F. H. Atlas de Anatomia. 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

TORTORA, G. J. Princípios de Anatomia e Fisiologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

TORTORA, G. J. et al. *Corpo Humano: Fundamentos de Anatomia e Fisiologia*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Bibliografia Complementar:

CITOW, J. S., MACDONALD, R. L. *Neuroanatomia e Neurofisiologia*. São Paulo: Santos, 2004.

KAWAMOTO, E. E. *Anatomia e Fisiologia Humana*. São Paulo: EPU, 1988.

SILVA, C. R. L., et. al. *Dicionário Ilustrado de Saúde*. 3. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2008.

SOBOTTA-BECHER. *Atlas de Anatomia Humana*. Vols.1 e 2, 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000

WALTER, R, KOCH, R.M. *Anatomia e Fisiologia Humana*. Curitiba: Século XXI, 2005.

5. HISTOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Descrição das estruturas componentes dos tecidos epitelial, conjuntivo, muscular e nervoso. Células do sangue. Hemocitopoese. Pele e anexos. Histofisiologia dos sistemas circulatório, linfático, respiratório, digestório, endócrino, renal e reprodutor. Órgãos dos sentidos.

Objetivos: Adquirir noções e fundamentos sobre a estrutura e a função das células e tecidos do corpo humano.

Bibliografia Básica:

DI FIORI, M. S. H. *Atlas de histologia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991 GENESER, F.

Atlas de histologia. Panamericana, 1987.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. *Histologia básica*. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2004.

KÜHNEL, W. *Atlas de citologia, histologia e anatomia microscópica para teoria e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1991.

ROSS, M. H.; POMRELL, L. *Histologia texto e atlas*. 2. ed. Panamericana. 1993

Bibliografia Complementar

BURKITT; YOUNG; HEATH. *Histologia funcional*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2001.

6. FUNDAMENTOS DE FISIOLOGIA HUMANA E BIOFÍSICA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Aspectos fisiológicos do sistema tegumentar e comunicação celular. Fisiologia dos sistemas muscular, esquelético, circulatório (cardiovascular, linfático e imunológico), respiratório, renal, nervoso, órgãos dos sentidos, digestório, endócrino e reprodutor.

Objetivos: Descrever e conceituar Fisiologia; abordar temas relativos à fisiologia muscular, esquelético, circulatório (cardiovascular, linfático e imunológico), respiratório, renal, nervoso, órgãos dos sentidos, digestório, endócrino e reprodutor.

Bibliografia Básica:

AIRES, M. M. *Fisiologia*. 2. ed. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 1999.

BERNE R. M; LEVY M. N. *Fisiologia* 4. ed. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 1998.

COSTANZO S. L. *Fisiologia*. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 1999.

GUYTON A. C.; HALL, J. E. *Tratado de fisiologia médica*. 9. ed. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 1997.

HENEINE, I. F. *Biofísica básica*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1996.

Bibliografia Complementar:

CINGALAME H. E., HOUSSAY A. B. e Cols. *Fisiologia Humana*. 7º edição. Porto Alegre, Artmed. 2004.

DAVIES A. BLOKILEY, A. H. e Kidd, C. *Fisiologia Humana*. Porto Alegre, Artmed. 2002.

MCARDLE; WILLIAN D. *Fisiologia do exercício: nutrição, energia e desempenho humano*. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 1998.

7. BIOLOGIA GERAL APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Níveis de organização da estrutura biológica. Noções básicas de microscopia de luz e eletrônica. Teoria celular. Organização geral das células procarióticas e eucarióticas. Organização estrutural e funcional das células eucarióticas animais. Caracterização das malformações e de agentes teratogênicos. Características e propriedades do material genético. Cromossomos humanos normais e aberrações cromossômicas.

Objetivos: Demonstrar conhecimento dos fundamentos sobre a estrutura e função das células e suas organelas. Reconhecer as características do desenvolvimento normal e anormal do embrião, bem como suas causas e consequências.

Bibliografia básica:

De Robertis, E., J. Hib. Bases da Biologia Celular e Molecular. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 4 ed.
Junqueira, L.C.; J. Carneiro. Biologia Celular e Molecular. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 12º edição. 2013
Moore, K.L. Embriologia Básica. Guanabara Koogan. 9ª EDIÇÃO. 2016.
Moore, K.L., T.V.N., Persaud, M.G.Torchia. Embriologia Clínica. Guanabara Koogan. 11 edição. 2020.

Bibliografia complementar

GRIFFITHS, A. J. F.; DOEBLEY, J.; PEICHEL, C.; WASSARMAN, D. A. **Introdução à Genética**. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

8. PARASITOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Introdução ao estudo da parasitologia. Tipos de associação entre organismos. Estudo geral dos protozoários, helmintos e artrópodes parasitas quanto à sua classificação, morfologia, biologia, patogenia, diagnóstico, epidemiologia e profilaxia.

Objetivos: conhecer e compreender as alterações de saúde causadas por agentes parasitários; conhecer e compreender a epidemiologia dos problemas de saúde causados pelos agentes parasitários e descrever a atuação do enfermeiro na prevenção das parasitoses e na promoção da saúde (profilaxia e educação ambiental).

Bibliografia básica

CIMERMAN, B.; FRANCO, M. A. Atlas de parasitologia. Artrópodes, protozoários e helmintos. 2. ed. São Paulo: Atheneu. 2012.
NEVES, D. P. Parasitologia Humana, 13 ed. São Paulo: Atheneu, 2016.
NEVES D. P. Parasitologia Dinâmica. 3 ed. São Paulo: Atheneu, 2009.
NEVES, D.P.; DE MELO, A.L.; LINARDI, P.M; VITOR, R. W. A. Parasitologia humana. 11 ed. São Paulo: Atheneu, 2005.
REY, L. Bases da Parasitologia Médica. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

Bibliografia complementar

COURA. J. R. Dinâmica das doenças infecciosas e parasitárias. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan-Cultura Médica, 2006. Vol. 1 e 2.
REY, L. Parasitologia: parasitos e doenças parasitárias do homem nos Trópicos Ocidentais. 4. ed. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan; 2008.
SILVA, R. J.; ANGULSKI, L. F. R. B.; TAVARES, D. F.; SERRA, L. M. M. Atlas de parasitologia humana. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/parasitologia/atlas_parasitologia_humana.pdf
ATLAS VIRTUAL DE PARASITOLOGIA. Universidade Federal Fluminense. Departamentos de Microbiologia e Parasitologia. Disponível em: <http://atlasparasitologia.sites.uff.br/>
ATLAS DE PARASITOLOGIA. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://www.ufjf.br/parasitologia/files/2008/08/Atlas-de-aula-pr%C3%A1tica-20124.pdf>

9. MICROBIOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Características gerais de vírus, bactérias e fungos. Controle físico e químico de microrganismos. Noções de biossegurança. Microbiota normal do corpo humano. Microbiologia do processo infeccioso. Doenças microbianas – bacterianas, virais e fúngicas .

Objetivos: conhecer e compreender as alterações de saúde causadas por agentes microbianos; conhecer e compreender a epidemiologia dos problemas de saúde causados por vírus, bactérias e fungos;

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

descrever a atuação do enfermeiro na prevenção das doenças causadas por microrganismos e na promoção da saúde.

Bibliografia básica

- BROOKS, G. F.; BUTEL, J. S.; MORSE, S.A. Jawetz – Microbiologia Médica. 21 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- BURTON, G.R.W; ENGELKIRK, P.G. Microbiologia para as ciências da saúde. 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005.
- KONEMAN, E. W. et al. Diagnóstico microbiológico, texto e atlas colorido. 5.ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2001.
- SCHAECHTER, M.; ENGLEBERG, N. C.; EISENSTEIN, B. I.; MEDOFF, G. Microbiologia – mecanismos das doenças infecciosas. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- SIDRIM, J. J. C.; ROCHA, M. F. G. Micologia médica à luz de autores contemporâneos. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

Bibliografia complementar

- MADIGAN, M. T.; MARTINKO, J. M.; PARKER, J. Microbiologia de Brock. 10 ed. São Paulo: PearsonPrentice Hall. 2004.
- NEDER, R. N. Microbiologia: Manual de laboratório. São Paulo: Nobel, 1992. 138 p.
- RIBEIRO, M. C.; SOARES, M. M. S.R. Microbiologia prática. Roteiro e manual. Bactérias e fungos. São Paulo: Atheneu, 1993.

10. BIOQUÍMICA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Estruturas das biomoléculas e aspectos gerais sobre o metabolismo celular e as bases moleculares e sua importância na saúde humana. Classificação, propriedades, estrutura, função e Metabolismo das Proteínas. Enzimas: inibição e enzimas reguladoras. Ciclo da uréia. Carboidratos: classificação, propriedades, estrutura e função. Lipídeos: classificação, propriedades, estrutura, função e metabolismo dos Carboidratos: bioenergética e ciclo do ATP, glicólise e sua regulação, ciclo de Krebs, transporte de elétrons e cadeia respiratória. Classificação, propriedades, estrutura, função e metabolismo dos Lipídios. Vitaminas e minerais: como co-fatores enzimáticos. Interconversão do metabolismo de todos os nutrientes.

Objetivo: Conhecer os processos bioquímicos nos sistemas orgânicos do ser humano.

Bibliografia Básica:

- BAYNES, J., DOMINICZAK, M. H. Bioquímica Médica. São Paulo: Manole, 2000.
- CAMPBELL, M. K. Bioquímica. São Paulo: ArtMed, 2000.
- CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. A. Bioquímica Ilustrada. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1996.
- GRAW, A et al. Bioquímica Clínica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. VOET D. et al. Fundamentos de Bioquímica. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

Bibliografia Complementar:

- DONALD, V. et al. Fundamentos de Bioquímica. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- LEHNINGER, A.L.; NELSON, D.L.; COX, M.M. Princípios de Bioquímica. São Paulo: Sarvier, 1998.
- MARZOCCO, A.; TORRES, B. B. Bioquímica Básica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.
- ROSKOSKI. Bioquímica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997. STRYER, L. Bioquímica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

11. METODOLOGIA CIENTÍFICA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Conceituar os objetivos da metodologia científica e da metodologia científica aplicada ao ensino, saúde e enfermagem; normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT; a história da pesquisa em enfermagem; legislação brasileira vigente sobre ética na pesquisa com seres humanos.

Objetivos: Compreender os conceitos e objetivos da metodologia científica; conhecer normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos; conhecer legislação pertinente a pesquisa com seres humanos.

Bibliografia Básica:

ALVIN, N.A.T. O Espaço Criativo e Sensível na População de dados para a pesquisa em enfermagem. Escola Anna Nery. Revista Enfermagem, p. 5, ago. 2001.
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR- 10520: Informações e documentos: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR- 6023: Informação e documentação – referências – Elaboração. Rio de Janeiro IBBD.
GAUTHIER, J. H. M. et al. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
LEOPARDI, M. T. Metodologia da pesquisa na saúde. Santa Maria/RS: Pallotti, 2001.
POLIT, D.F.; HUNGLER, B.P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: princípios e métodos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Bioética. 1996; 4(2):15-25.
LOUSADA, G. Pesquisa clínica no Brasil. São Paulo: Revinter, 2002.
PORTO, I S. O Núcleo de Pesquisa em Enfermagem hospitalar, o cuidado intensivo de enfermagem e o cuidado crítico da enfermeira. Escola Anna Nery. Revista Enfermagem; p. 23, abr. 2001.
RODRIGUES, M. S. P.; LEOPARDI, M. T. O método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999.
RÚDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
RUIZ, J. A. Metodologia científica. Guia para eficiência nos Estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
TRENTINI, M. Assistência e Pesquisa em Enfermagem: Uma abordagem Convergente – Assistencial. Revista Texto e Contexto Enfermagem, p. 11, jan-abr.2001.
THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
VANZIN, A. S.; NERY, M. E. S. Metodologia da pesquisa em saúde: fundamentos para o desenvolvimento de pesquisas em saúde. Porto Alegre: RM & L, 1998.
VIEIRA, S. Pesquisa médica – A Ética e a Metodologia. São Paulo: Loyola, 1999.

12. FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM I

Ementa: Introdução aos fundamentos e instrumentos básicos de enfermagem, terminologias da área de saúde, noções de biossegurança, teoria ambientalista (Florence Nightingale), anamnese de enfermagem (entrevista), prontuário do paciente e anotação de enfermagem, desenvolvimento de técnicas básicas de enfermagem em laboratório como: sinais vitais, lavagem simples das mãos, calçar e descalçar luvas, desinfecção e arrumação de leito.

Objetivos: Desenvolver a compreensão sobre as teorias de enfermagem, o domínio das terminologias e dos cálculos de medicamentos/soluções e, das habilidades no desenvolvimento de técnicas simples do cuidado de enfermagem em laboratório.

Bibliografia Básica:

APPLING, S.E. Procedimentos de enfermagem. São Paulo: Reichmann & Autores Editores, 2005.
BARROS, A.L.B.L. Anamnese & Exame Físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.
GEORGE, Julia B. Teorias de enfermagem os fundamentos à prática profissional. 4ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2000.
NETTINA, S.M. Prática de enfermagem. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2007. POSSO, M.B.S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo:Atheneu, 1999

Bibliografia Complementar:

HORTA, V.A. Processo de enfermagem. São Paulo: EPU 1979.
POTTER, P.A.; PERRY, A.G. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan 2007.
POTTER, P.A. Semiologia em enfermagem. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2002.

SILVA, M.T.; SILVA, S.R.. Cálculo e Administração de Medicamentos na Enfermagem. 2ª ed. São Paulo, Martinari, 2009.

VOLPATO, A.C.B.; PASSOS, V.C.S. Técnicas Básicas de Enfermagem. 2a ed. Martinari, São Paulo, 2007.

13. DIDÁTICA APLICADA A ENFERMAGEM

Ementa: O contexto histórico da Didática no Brasil; as tendências didático-pedagógicas na educação em Enfermagem e da saúde; os fundamentos sociais, políticos e epistemológicos da Didática e suas contribuições para a formação do enfermeiro educador; o processo educativo e as estratégias didáticas na educação da enfermagem em múltiplos cenários de coletividades, tecnologias educacionais na educação da enfermagem e da saúde.

Objetivos: Conhecer as tendências pedagógicas e suas influências na educação em enfermagem e saúde; analisar a didática numa perspectiva sócio-histórica; refletir sobre o papel da didática na formação do enfermeiro educador em consonância com os princípios e diretrizes do SUS; estudar as concepções do processo educativo em enfermagem; e refletir sobre a avaliação e a sua importância no processo ensino e aprendizagem na educação da enfermagem e saúde.

Bibliografia Básica:

ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L.P. (organizadoras). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: Univille, 2003.

BASTABLE, S.B. O Enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática da enfermagem. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, M.I. (organizadora). Reflexões e práticas em pedagogia universitária. Campinas,SP: Papyrus, 2007.

GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. HADJI, C. A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos. Porto: Porto Editora, 1994.

LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

NIETSCHÉ, E.A. (organizadora). O Processo educativo na Formação e na Práxis dos Profissionais da Saúde:

desafios, compromissos e utopias. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009.

PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIMENTA, S.G.; ALMEIDA, M.I. (organizadoras). Pedagogia universitária. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

PINHEIRO, R.; CECCIM, R.B.; MATTOS, R.A. (organizadores). Ensinar Saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação da área da saúde. Rio de Janeiro: CEPESC: IMS/UERJ: ABRASCO, 2011.

RAMOS, M. Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.

SAUPE, R. (organizadora). Educação em Enfermagem: da realidade construída à possibilidade de construção.

Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

SÁ-CHAVES, I (organizadora). Os “portfólios” reflexivos (também) trazem gente dentro: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto: Porto Editora, 2005.

Bibliografia Complementar:

BACKES, V.M.S et al . Expressões do conhecimento didático do conteúdo de um professor experimentado de enfermagem. Texto & Contexto Enfermagem, v. 22, p. 804-810, 2013.

BACKES, V. M. S. et al.. Competência dos enfermeiros na atuação como educador em saúde. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 61, p. 858-861, 2008.

BACKES, V. M. S. et al. . Abordagem Metodológica Diferenciada em Aulas Práticas de Administração de Enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 57, n.jul/ago, p. 493-496, 2004.

BITTENCOURT, G.K.G.D. et al. Aplicação de mapa conceitual para identificação de diagnósticos de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v.64, n.5, p.963-967, 2011

BURGATTI, J.C. et al . Estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da competência ético-política na formação inicial em Enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem,, v. 66, p. 282-286, 2013.

CANEVER, B. P. et al. Tendências pedagógicas na produção do conhecimento em educação em enfermagem do estado de São Paulo. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 66, p. 935-941, 2013.

CHIRELLI, M.Q.; MISHIMA, S.M. O processo ensino-aprendizagem crítico-reflexivo. Revista Brasileira de Enfermagem, v.57, n.3, p.326-331, 2004

MITRE, S M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. Ciência & saúde coletiva, v.13, suppl.2, p.2133-2144, 2008

MOURA, E.C.C.; MESQUITA, L.F.C. Estratégias de ensino-aprendizagem na percepção de graduandos de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v.63, n.5, p.793-798, 2010.

PRADO, M. L. et al. Arco de Charles Magueréz: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. Escola Anna Nery, v. 16, p. 172-177, 2012.

SCHVEITZER, M. C. ; et al. Estilos de pensamento em educação em enfermagem: a produção científica de três regiões do Brasil. Escola Anna Nery, v. 17, p. 60-67, 2013.

VASCONCELOS, C.M C B ; BACKES, V. M. S. ; MARTINI, J.G. . La evaluación en la enseñanza de grado en enfermería en América Latina: una revisión integrativa. Enfermería Global, v. 23, p. 96-117, 2011.

WATERKEMPER, R ; PRADO, M.L. Estratégias de ensino-aprendizagem na Graduação em Enfermagem. Avances en Enfermería, v. XXIX, p. 1-12, 2011.

14. EPIDEMIOLOGIA

Ementa: História e desenvolvimento da epidemiologia; usos e aplicações na Enfermagem. Estudos epidemiológicos e sua utilização em pesquisas da saúde. História natural das doenças. Epidemiologia descritiva: características da pessoa, tempo e lugar. Transição epidemiológica e demográfica. Prevalência e incidência. Medidas de morbimortalidade. Sistemas de informação em saúde. Vigilância epidemiológica.

Objetivos: conhecer o modelo teórico da epidemiologia clássica e crítica; identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes; utilizar adequadamente as ferramentas da epidemiologia para garantir a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde dos indivíduos, das famílias e coletividades.

Bibliografia básica:

BEAGLEHOLE, R., BONITA, R.; KJELLSTROM, T. Epidemiologia básica. 2. ed. São Paulo: Livraria Editora Santos, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. 6. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

MEDRONHO, A. R.; CARVALHO, D. M.; BLOCK K. V.; LUIZ, R. R.; WERECK, G.L. (Ed). Epidemiologia. São Paulo: Atheneu, 2002.

MERCHAN-HAMANN, E.; TAUILL, P. L.; COSTA. M. P. Terminologia das medidas e indicadores em epidemiologia: subsídios para uma possível padronização da nomenclatura. Brasília, Informativo Epidemiológico do SUS, n. 9, v. 4, p. 273-284, 2000.

PEREIRA, M. G. Epidemiologia: teoria e prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

Bibliografia Complementar:

HULLEY S.B. (org.) Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica. 2ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2003

ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia & saúde. 6. ed. Rio De Janeiro: Medsi, 2003.

15. BIOESTATÍSTICA

Ementa: Conceitos e métodos estatísticos aplicados. Obtenção de dados (desenho de pesquisa e amostragem); apresentação de banco de dados (estatística descritiva); análise Paramétrica e não paramétrica; testes de hipóteses, intervalo de confiança, valores probabilísticos, interpretação de dados em pesquisa científica.

Objetivos: Compreender os conceitos e métodos estatísticos aplicados à saúde humana; compreender os delineamentos de pesquisa com abordagem quantitativa; descrever os tipos de amostra e amostragem; e compreender a aplicação e interpretação dos testes estatísticos.

Bibliografia básica:

BERQUO, E. S.; SOUZA, J. M. P.; GOTLIEB, S. L. D. Bioestatística. São Paulo: EPU, 1980.

BUSSAB, W.O. Estatística Básica. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

DORIA FILHO, U. Introdução à Bioestatística. São Paulo: Negócio Editora, 1999.

JEKEL, J.F.; KATZ, D.L.; ELMORE, J.G. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. Porto Alegre: Artmed, 2005.

VIEIRA, S. Introdução à bioestatística. 5. reimp. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

Bibliografia Complementar:

HULLEY S.B. (org.) Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica. 2ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2003

SEGUNDA SÉRIE

16. IMUNOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Introdução à Imunologia. Imunidade Inata Celular e Humoral. Órgãos Linfáticos e Sistema Linfático. Antígenos e Imunógenos. Apresentação de Antígenos e Sistema de Histocompatibilidade. Imunidade Adquirida ou Adaptativa. Imunidade Humoral. Imunidade Celular. Sistema Imunológico de Mucosas. Reações de Hipersensibilidade. Imunologia de Transplantes. Doenças Autoimune. Imunidade contra Helmintos, Bactérias, Vírus e Protozoários. Imunodeficiências. Vacinas.

Objetivos: conhecer e compreender os mecanismos imunológicos do corpo humano; descrever a atuação do enfermeiro na prevenção de doenças causadas por microrganismos e na promoção da saúde, como o uso de vacinas.

Bibliográfica Básica:

ABBAS, A.K.; LICHTMAN, A.H.; PILLAI, S. Imunologia básica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BENJAMIN, E.; et al. Imunologia. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

DELVES, P.J.; et al. Roitt, fundamentos de imunologia. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

FARHAT, C. K.; et al. Imunizações: fundamentos e prática. 4. ed. São Paulo: Atheneu, 2000.

JANEWAY, C. A.; et al. Imunobiologia: o sistema imunológico na saúde e na doença. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PARHAM, P. O Sistema imune. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ROSEN, F.; GEHA, R. Estudos de casos em Imunologia. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

STITES, D. P.; TERR, A. I.; PARSLOW, T. G. Imunologia Médica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, M. Combates sanitários e embates científicos: Emílio Ribas e a febre amarela em São Paulo. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, v.6, n.3, p. 577-607, 1999.

BERTOLLI FILHO, C. Antropologia da doença e do doente: percepções e estratégias de vida dos tuberculosos. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, v.6, n.3, p. 493-522, 1999.

BRASIL. Manual de vigilância epidemiológica de eventos adversos pós-vacinação. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Manual dos Centros de Referência para Imunobiológicos especiais. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

CAMPOS, A. L. V.; NASCIMENTO, D. R.; MARANHÃO, E. A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, v.10, sup. 2, p. 573-600, 2003.

CZERESNIA, D. Do contágio à transmissão: uma mudança na estrutura perceptiva de apreensão da epidemia. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, v.4, n.1, p.75-94, 1997.

FERNANDES, T. M. Imunização anti-variólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacinação, revacinação. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, v.10, sup. 2, p. 461-474, 2003.

LOPES, M. B. O sentido da vacina ou quando o prever é um dever. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, v.3, n.1, p. 65-79, 1996.

17. PATOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Estudo da fisiopatologia dos processos patológicos gerais. Conhecimento dos mecanismos básicos das doenças, destacando algumas doenças com maior incidência na população brasileira. Aplicabilidade dos saberes da patologia na enfermagem.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

Objetivos: descrever e compreender o mecanismo básico das doenças; relacionar os processos patológicos gerais com os demais conteúdos deste currículo; e descrever a atuação do enfermeiro frente aos processos saúde-doença.

Bibliografia Básica:

BOGLIOLO, G. Patologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
BEVILACQUA, F. et al. Fisiopatologia Clínica. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 1995.
MONTENEGRO, M. R.; FRANCO, M. Patologia e processos gerais. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1995.
PARADISO, C. Fisiopatologia. Série de Estudos em Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan. 1998.
ROBBINS, S. L. Patologia estrutural e funcional. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

Bibliografia Complementar:

DRUMMOND, J.P. Dor aguda, fisiopatologia, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2000.
SANJULIANI, A.F. Fisiopatologia da hipertensão arterial: conceitos teóricos úteis para a prática clínica. Revista da SOCERJ, 2002;15(4):210-218. Disponível em:
http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2002_04/a2002_v15_n04_art02.pdf Acesso em: 20/05/2011.

18. FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM II

Ementa: Desenvolvimento de habilidades técnicas necessárias ao desempenho prático da profissão fundamentada na semiologia e semiotécnica: preparo e administração de medicamentos, exame físico, higiene do paciente; restrição, movimentação e transporte do paciente; Sondagens vesicais, sondagens gástricas e alimentação do paciente; Sondagem retal, lavagem intestinal e cuidados com ostomias, técnicas de curativos/tratamentos de feridas; oxigenoterapia, coleta de exames, cuidados pós-morte, glicemia capilar, tricotomia.

Objetivos: Desenvolver habilidades para avaliar o ser humano; preparar e administrar medicamentos/soluções e executar técnicas básicas no cuidado de enfermagem.

Bibliografia básica:

APPLING, S.E. Procedimentos de enfermagem. São Paulo: Reichmann & Autores Editores, 2005.
BARROS, A.L.B.L. Anamnese & Exame Físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.
BATES, B. Propedêutica Médica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
NETTINA, S.M. Prática de enfermagem. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2007. POSSO, M.B.S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Atheneu, 1999

Bibliografia Complementar:

HORTA, V.A. Processo de enfermagem. São Paulo: EPU 1979.
JORGE, A.S.; DANTAS, S.R.P.E. Abordagem Multiprofissional do Tratamento de Feridas. São Paulo, Atheneu, 2003.
POTTER, P.A.; PERRY, A.G. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan 2007.
POTTER, P.A. Semiologia em enfermagem. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2002.
SILVA, M.T.; SILVA, S.R.. Cálculo e Administração de Medicamentos na Enfermagem. 2ª ed. São Paulo, Martinari, 2009.
SMELTZER, S.C. Brunner e Suddarth Tratado de enfermagem médico cirúrgico. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2009.
VOLPATO, A.C.B.; PASSOS, V.C.S. Técnicas Básicas de Enfermagem. 2ª ed. Martinari, São Paulo, 2007.

19. ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA

Ementa: Estudo dos modelos assistenciais em saúde, da política de saúde brasileira, envolvendo programas, estratégias de ação e controle dos principais agravos à saúde da população, à nível individual e coletivo. Aspectos clínicos, epidemiológicos, medidas de controle e preventivas de doenças infectocontagiosas imunopreveníveis. A assistência em Saúde coletiva com base nos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. A saúde indígena dentro do contexto da saúde coletiva.

Objetivos: conhecer e compreender a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

serviços preventivos e curativos, individuais (ser humano e família) e coletividade, exigidos para cada caso em níveis de complexidade do sistema de saúde; reconhecer o papel social do enfermeiro em atividades de políticas públicas em saúde.

Bibliografia Básica:

- AGUIAR ZN, RIBEIRO MCS. (Org.). Vigilância e controle das doenças transmissíveis. São Paulo: Martinari, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Brasília: Ministério da Saúde. 2005.
- BRASIL, Fundação Nacional de Saúde. Investigação epidemiológica de casos e epidemias. In: Brasil, Fundação Nacional de Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. Brasília, 7 ed. Brasília, 2010.
- BRASIL. Política Nacional de Humanização. Diretrizes da PNH –<http://www.saude.gov.br/humanizaus>
- BRASIL. Ministério da Saúde. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica : diabetes mellitus Brasília : Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. HIV/Aids, hepatites e outras DST .Brasília : Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde.Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio a Saúde da Família. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: hipertensão arterial sistêmica Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de recomendações para o controle da tuberculose no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de Vigilância da Leishmaniose Tegumentar Americana – 2. ed. atual. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- GENIOLE, Leika Aparecida Ishiyama Geniole: KODJAOGLANIAN Vera Lúcia ; ARGEMON ; Cristiano Costa
- Vieira (ORG.)A saúde da família indígena . Curso de Pós-Graduação em Atenção Básica em Saúde da Família. Campo Grande: editora UFMS, 2011.
- _____. Fundação Nacional de Saúde. Sistema de informação em saúde e vigilância epidemiológica. In: Brasil, Fundação Nacional de Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. Brasília; 2002.
- CIPE® Versão 1 -Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem Versão 1.0
- FARHAT CK, WECKY LY, CARVALHO LHF, SUCCI RCM. Imunizações: fundamentos e prática. 5 ed. Atheneu, 2008.

Bibliografia Complementar:

- RONQUAYROL, M. Z.. Epidemiologia e saúde. 6ª ed. São Paulo: Medsi, 2003.
- PORTARIA Nº 2.488, DE 21 DE OUTUBRO DE 2011.
- Portaria GM/MS no 1823, de 23 de agosto de 2012.
- Brasil Ministério da Saúde. Diretrizes para o controle da Sífilis Congênita. Programa Nacional de DST e Aids . Brasília: Ministério da Saúde. 2005.

20. ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL E PSIQUIÁTRICA I

Ementa: Cuidado de enfermagem em saúde mental na atenção primária em saúde e nos serviços substitutivos. O uso da educação, comunicação e relacionamento para a promoção e prevenção da saúde mental de indivíduos e grupos. Aspectos históricos, sociais, culturais e políticos da psiquiatria, psiquiatria preventiva e políticas de saúde mental.

Objetivos: conhecer os aspectos históricos e as políticas públicas em saúde mental; desenvolver a consulta de enfermagem em saúde mental; e utilizar técnicas adequadas que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde mental do ser humano.

Bibliografia Básica:

- AMARANTE, P. D. C(org). Psiquiatria social e reforma psiquiátrica. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.
- AUN, J. G.; VASCONCELLOS, M. J. E.; COELHO, S. V. Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: fundamentos teóricos e epistemológicos. 2 ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2006.
- BARRETO, A. Terapia Comunitária Passo a Passo. Fortaleza, Gráfica LCR, 2005. p.335.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

BRASIL. Ministério da Saúde. Legislação em saúde mental: 1990-2000. Série E – legislação em saúde número 4. Brasília – DF, 2000.

OSÓRIO, L. C.; VALLE, M. E.P. Manual de Terapia Familiar. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

SILVA, V. A. A história da loucura: em busca da saúde mental. Editora Tecnoprint, 1979.

Bibliografia Complementar:

AMARANTE, P. D. C. Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1995.

AMARANTE, P. D. C. O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

CAMPOS, G. W. S. Saúde Paidéia. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

CARRARA, S. Crime e loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. Rio de Janeiro: edUERJ, São Paulo:Edusp, 1998.

CURY, A. J. O cárcere da emoção. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2008.

LOBOSQUE, A. M. Experiências da loucura. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LOBOSQUE, A. M. Clínica em movimento. Rio de Janeiro: Garamon, 2003.

MELLO E SOUZA, M. C. B.; COSTA, M. C. S. (org) . Saúde mental numa sociedade em mudança. Ribeirão Preto: Legis Summa/FIERP, 2005.

PAIM, I. Psiquiatras brasileiros. Campo Grande: Editora Oeste, 2003.

SENAD. A Prevenção do Uso de Drogas e a Terapia Comunitária. Brasília, 2006.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular nos serviços de saúde. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

21. ENFERMAGEM EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE I

Ementa: O Crescimento e o Desenvolvimento Físico da Criança de Zero a 12 anos. Acidentes mais comuns na infância. Política Nacional de Imunização. Estatuto da Criança e do Adolescente. Programas Nacionais de Atenção Integral à Saúde da Criança. Consulta de Enfermagem em Puericultura, e, Atenção à Saúde do Escolar na Perspectiva da Enfermagem. O Crescimento e o Desenvolvimento do Adolescente. Políticas Públicas de Saúde Voltadas a Adolescência e a Juventude no Brasil. Consulta de Enfermagem na Saúde do Adolescente.

Objetivos: conhecer e compreender a respeito do crescimento e desenvolvimento da criança e adolescente, sob a ótica das políticas públicas de prevenção e promoção de saúde promovendo a capacitação em habilidades e competências de atuação frente aos agravos de saúde e à imunização da criança e do adolescente, bem como as implicações com família e sociedade.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Saúde. AIDPI: Atenção integral a doenças prevalentes na infância. 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde das crianças e adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

_____. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. IMUNIZAÇÃO: Manual de Imunização do Ministério da Saúde.

Bibliografia Complementar:

BORGES A.L.V, Fugimori E, (Orgs). Enfermagem e a Saúde do Adolescente na Atenção Básica. Ed. Manole, Série Enfermagem. Barueri, São Paulo, 2009.

FONSECA, A.S (Org.) Enfermagem Pediátrica. Editora Martinari, São Paulo, 2013.

FUGIMORI E, Ohara C.V.S, (Orgs.). Enfermagem e a Saúde da Criança na Atenção Básica. Ed. Manole, Série Enfermagem. Barueri, São Paulo, 2009.

LEÃO, E. Pediatria Ambulatorial. 2. ed. Belo Horizonte: COOPMED, 1989.

MARCONDES, E. et al. Pediatria básica. 4. ed. São Paulo: Sarvier, 1974

WALEY & WONG – Enfermagem pediátrica: elementos essenciais a intervenção efetiva. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999

OSKI, F. et al. Princípios e práticas de pediatria. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992 RUDOLPH, A M. et al. Princípios de pediatria. 1. ed. São Paulo: Rocca, 1997.

THOMPSON, E. D.; ASHWILL, J. W. Uma introdução à enfermagem pediátrica. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

22. FARMACOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM I

Ementa: Introdução à Farmacologia. Farmacocinética. Farmacodinâmica. Interações Medicamentosas e Reações adversas a medicamentos. Políticas públicas relacionadas aos Medicamentos. Farmacologia do sistema nervoso autônomo. Farmacologia da hipertensão arterial sistêmica. Farmacologia do diabetes mellitus. Farmacologia do sistema nervoso central. Anti-inflamatórios não esteroides. Corticosteroides. Anti-histamínicos. Farmacologia do sistema digestório. Farmacologia na Saúde da Mulher. Farmacologia na Saúde da Criança. Farmacologia em Tuberculose, Hanseníase, IST e HIV/AIDS.

Objetivos: ter domínio dos processos farmacológicos dos medicamentos, dentre eles os mecanismos de ação, indicações e contraindicações terapêuticas e reações adversas; compreender e conhecer os processos farmacocinéticos, e as vias de administração dos medicamentos, formas farmacêuticas, posologia, interações medicamentosas; aprender sobre o papel do enfermeiro em relação ao uso de medicamentos no âmbito da saúde coletiva.

Bibliografia básica:

BRASIL. Formulário terapêutico nacional 2010: Rename 2010. 2. Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
BRUNTON, L.L.; CHABNER, B.A.; KNOLLMANN, B.C. As bases farmacológicas da terapêutica de Goodman & Gilman. 12. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.
CLAYTON, B.D.; STOCK, Y.N. Farmacologia na Prática de Enfermagem. 13 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
FUCHS, I. D.; WANNACHER, L. Farmacologia Clínica: fundamentos de terapêutica racional. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
KATZUNG, B. G. Farmacologia Básica & Clínica. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
RANG, H. P., et al Rang & Dale, farmacologia. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. SILVA, P. Farmacologia. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Bibliografia complementar:

BRASIL. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em crianças e adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
BRASIL. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: hipertensão arterial sistêmica. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
BRASIL. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: diabetes mellitus. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
BRASIL. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
BRASIL. Programa Nacional de Suplementação de Ferro: manual de condutas gerais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
BRASIL. Talidomida: orientação para o uso controlado. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
BRASIL. Atualiza as diretrizes de cuidado à pessoa tabagista no âmbito da Rede de Atenção à Saúde das Pessoas com Doenças Crônicas do Sistema Único de Saúde (SUS) e dá outras providências. Portaria nº 571, de 5 de abril de 2013.
BRASIL. Dengue: manual de enfermagem. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
BRASIL. Dengue: diagnóstico e manejo clínico: adulto e criança. 4. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
BRASIL. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para hepatite viral C e coinfeções : manejo do paciente infectado cronicamente pelo genótipo 1 de HCV e fibrose avançada. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
BRASIL. Síndrome lipodistrófica em HIV. Brasília: Ministério da Saúde: 2011.
BRASIL. Manual de recomendações para o controle da tuberculose no Brasil. Brasília : Ministério da Saúde, 2011.
BRASIL. Tuberculose na atenção primária á saúde. Brasília : Ministério da Saúde, 2011.

- BRASIL. Tratamento diretamente observado (TDO) da tuberculose na atenção básica : protocolo de enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- BRASIL. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para o tratamento da hepatite viral crônica B e coinfeções. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- BRASIL. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para hepatite viral C e coinfeções. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Recomendações para Terapia Anti-retroviral em adultos infectados pelo HIV. 7 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Hepatites virais: o Brasil está atento. 3 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Manual de Vigilância da Leishmaniose Tegumentar Americana. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL. Manual de Vigilância e controle da Leishmaniose Visceral. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis. 4 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Guia para o controle da hanseníase. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- BRASIL. Manual: testes de sensibilidade à penicilina. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.
- FONSECA. Interações Medicamentosas. 3. ed. São Paulo: EPU, 2001.
- GOODMAN & GILMAN. As bases farmacológicas da terapêutica. 9. ed. México: McGraw-Hill, 1996.

23. NUTRIÇÃO APLICADA À ENFERMAGEM I

Ementa: Introdução à nutrição humana nos seus aspectos bioquímicos, fisiológicos e das necessidades nutricionais individuais. Requerimento e recomendação nutricional na dieta normal nos diferentes períodos fisiológicos e no treinamento físico. Aspectos clínicos da carência e do excesso. Estudo das dietas não convencionais. Fome e saciedade. Aspectos antropométricos, clínicos e bioquímicos da avaliação nutricional. Fibras solúveis e insolúveis. Educação nutricional como instrumento da prática do profissional enfermeiro. Evolução dos hábitos alimentares da população brasileira e sua relação com a educação nutricional, ressaltando a transição nutricional e transtornos alimentares. Educação nutricional à coletividade e indivíduos sadios e enfermos, como forma de promoção da saúde. Nutrição e doenças crônicas não transmissíveis. Planejamento dietético para coletividades sadias. Magnitude dos problemas nutricionais a nível mundial e no Brasil e programas de alimentação e nutrição no Brasil. Sistemas de vigilância alimentar e nutricional.

Objetivos: compreender os aspectos clínicos no organismo humano quando afetados por distúrbios nutricionais; desenvolver consulta de enfermagem para identificar transtornos alimentares; desenvolver atividades educativas para promover hábitos alimentares saudáveis e prevenção de doenças relacionadas aos transtornos nutricionais.

Bibliografia Básica:

- ANDERSON, L.; et al. Nutrição. 17. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- AUGUSTO, A. L. P.; et al. Terapia nutricional. São Paulo: Atheneu, 1995.
- BODINSKI, L. H. Dietoterapia: princípios e prática. São Paulo: Atheneu, 1993.
- KRAUSE & MAHAN. Alimentos, nutrição e dietoterapia. 8. ed. São Paulo: Roca, 1995.
- MAHAN & ARLIN. Alimentos, nutrição e dietoterapia. 9. ed. São Paulo: Roca, 1998.
- TEIXEIRA NETO, F. Nutrição Clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- MAHAN, E. S. Krause: Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. 9. ed. São Paulo: Roca, 2005.

Bibliografia Complementar

- NETO, F. T. Nutrição Clínica, Guanabara Koogan, 2003.
- MARTINS, C.; MEYER, L. R.; SAVI, F.; MORIMOTO, I. M. I. Manual de Dietas Hospitalares. Nutroclínica, 2001.
- LEÃO, L. S. C. S.; GOMES, M. C. R.; Manual de Nutrição Clínica. Editora Vozes, 2003. FARELL, M. L.; NICOTERI, J. A. L. Nutrição em Enfermagem. Editora LAB, 2005.

24. PROJETO EM CIÊNCIAS DA ENFERMAGEM E SAÚDE I

Ementa: Histórico da evolução da pesquisa, delineamentos de trabalhos científicos (projetos de pesquisa, ensino e extensão), suas abordagens e suas etapas; leitura crítica de artigos científicos e dos instrumentos para submissão de pesquisas, cadastros e repositórios de dados; construção de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Objetivos: compreender os delineamentos de pesquisas de abordagens quantitativas; compreender, desenvolver e interpretar as etapas relacionadas às investigações de abordagem quantitativa; compreender as etapas relacionadas a elaboração, escolha, aplicação e validação de questionários e formulários na coleta de dados; ser capaz de realizar leitura crítica de artigos científicos.

Bibliografia básica:

FLETCHER RH, FLETCHER SW, WAGNER EH. Epidemiologia clínica: elementos essenciais. 3ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1996.
GIL AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
HULLEY SB. (org.) Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica. 2ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2003.
MEDRONHO RA (org.) Epidemiologia. São Paulo: Atheneu, 2002.
POLIT, D.F.; BECK. C.T.; HUNGLER, B.P. Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização. Porto Alegre, ArtMed, 2004.
OLIVEIRA SL. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TCI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 2002.

Bibliografia Complementar

ALEXANDRE, N.M.C.; COLUCI, M.Z.O. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.16, p.3061-3068, 2011.
BASTOS, J.; DUQUIA, R.P. Tipos de dados e formas de apresentação na pesquisa clínico-epidemiológica. *Scientia Medica*, Porto Alegre, v.16, p.133-138, 2006.
PASQUALI, L. Psicometria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v.43, p.992-999, 2009.
SOUZA, V.D.; DRIESSNACK, M.; MENDES, I.A.C. Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem. Parte 1: Desenhos de pesquisa quantitativa. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.15, n.3. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlae> Acesso em: 02 mar. 2014.
TURATO ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev Saúde Pública* 2005; 39(3): 507-14.

25. PRÁTICAS EDUCATIVAS EM SAÚDE

Ementa: Historiografia da Educação em Saúde no Brasil. Teorias e Perspectivas da Educação em Saúde. Educação em Saúde e o Sistema Único de Saúde. Educação em Saúde e a Promoção em Saúde.

Objetivos: conhecer e compreender as concepções de educação em saúde, suas perspectivas e correlações com as políticas públicas de saúde.

Bibliografia básica:

BAGNATO, M.H.S.; RENOVATO, R.D. Práticas Educativas em Saúde: um território de saber, poder e produção de identidades. In: DEITOS, R.A.; RODRIGUES, R.M. (Org). Estado, desenvolvimento, democracia & políticas sociais. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p.87-104.
CARVALHO, A.C.S.M. Os Programas Oficiais de Educação para a Saúde no Brasil entre 1980 e 1995. 1999. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
GASTALDO, D. É a educação em saúde “saudável”? *Educação e Realidade*, v.22, n.1, p.147-168, 1997.
MEYER, D.E.E. et al. “Você aprende. A gente ensina?” Interrogando relações entre Educação em Saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. *Cadernos de Saúde Pública*, v.22, n.6, p.1335-1342, 2006. SILVA, J.O. Educação em Saúde: Palavras e Atos. Porto Alegre: Dacasa, 2001,

Bibliografia Complementar:

MELO, J.A.C. Educação sanitária: uma visão crítica. *Cadernos CEDES*, n.4, p.28-43, 1987.

OSHIRO, J.H. Educação para a saúde nas instituições de saúde pública. 1988. 245 f Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1988.

RENOVATO, R.D. Práticas educativas em saúde: trilhas, discursos e sujeitos. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas, 2009.

26. SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM – SAE I

Ementa: Sistematização da assistência de enfermagem: desenvolvimento do processo de enfermagem utilizando Diagnósticos de Enfermagem Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem (CIPE®). Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESC®) e outras com foco no atendimento ao usuário na saúde coletiva.

Objetivo: Desenvolver no estudante a habilidade para execução da sistematização da assistência de enfermagem no atendimento ao usuário na saúde coletiva a partir das experiências vivenciadas nas aulas práticas das disciplinas de Ciências da Enfermagem.

Bibliografia básica:

COFEN, Resolução n. 358 de 15 de outubro de 2009.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ENFERMAGEM. CIPE Versão 1.0. Classificação internacional para a prática de enfermagem. São Paulo: Argol; 2007.

GARCIA TR, NÓBREGA MML. Processo de enfermagem: da teoria à prática assistencial e de pesquisa. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2009 Jan/Mar;13(1):188-93.

GARCIA TR, NÓBREGA MML, SOUSA MCM. Validação das definições de termos identificados no Projeto CIPESC para o eixo Foco da prática de enfermagem da CIPE. Rev Bras Enferm 2002; 55(1):52-63.

NICHIATA LYI, et al., Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva – CIPESC:

instrumento pedagógico de investigação epidemiológica. Rev Esc Enferm USP 2012; 46(3):766-71.

Bibliografia Complementar:

ALVES KYA, et al. Vivenciando a classificação internacional de práticas de enfermagem em saúde coletiva: relato de experiência. Esc. Anna Nery. 2013; 17(2):381-88.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Projeto de Classificação Internacional da Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva no Brasil. Brasília (DF): ABEn; 1996.

ANTUNES MJM. O trabalho da gerência na rede básica do Sistema Único de Saúde – SUS: a contribuição da enfermagem brasileira Universo da Classificação Internacional da Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva – CIPESC [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2001.

Associação Brasileira de Enfermagem. Projeto de Classificação Internacional da Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva no Brasil. Brasília (DF): ABEn; 1996.

CUBAS MR, et al. Mapeamento dos termos dos eixos tempo, localização, meio e cliente entre versões da CIPE® e CIPESC®. Rev. Bras. Enferm. 2011; 64(6):1100-1105.

TERCEIRA SÉRIE

27. ENFERMAGEM EM SAÚDE DA CRIANÇA E ADOLESCENTE II

Ementa: Ao desenvolver os conteúdos relacionados a criança e adolescentes essa disciplina visa a implementação das intervenções em assistência de enfermagem integral às crianças e adolescentes portadores de agravos de saúde com média e alta complexidade. Conjuntamente com o desenvolvimento do processo de humanização no atendimento da hospitalização e as repercussões da doença e tratamento na vida da criança, do adolescente e da família. Incorporando o desenvolvimento de práticas educativas, com crianças, adolescentes, familiares e equipe multiprofissional atuante nos setores de atendimento pediátrico considerando as peculiaridades culturais, étnicas e geográficas.

Objetivos: capacitar o aluno a intervir com competência e habilidades no processo de saúde-doença de crianças e adolescentes responsabilizando-se pela qualidade da assistência no âmbito hospitalar; aprimorar a utilização dos instrumentos e equipamentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem à criança e adolescente e familiares acompanhante no processo de hospitalização respeitando as diferenças culturais, étnicas e geográficas.

Bibliografia Básica:

- AMLUNG, S. et al. Enfermagem Materno-Infantil: planos de cuidados. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 2002.
- CLOHERTY, J.P. Manual de Neonatologia. 5 ed. . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- CURSINO, M. R. et al. Assistência de Enfermagem em pediatria. São Paulo: Sarvier, 1992. EINLOFT. L. Manual de enfermagem em UTI pediátrica. Rio de Janeiro: Medsi, 1998 ENGEL, J. Avaliação em Pediatria. 3. ed. Rio de Janeiro: RA, 2002.
- FARHAT, Calil K. et al. Infectologia Pediátrica. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 1998.

Bibliografia Complementar:

- BRANDEN, P. S. Enfermagem Materno-Infantil Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 2000.
- KERNAR, C. J. K.; HARVEY D.; SIMPSON, C. O recém-nascido doente. 3. ed. São Paulo: Livraria Santos Editora, 1999.
- LIMA, R. A. G. A Enfermagem na assistência à criança com câncer. Goiânia: AB, 1995.
- MIURA, E.; PROCIANOY R. S. Neonatologia: princípios e prática. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MURAHOVSKI, Jaime. Emergências em Pediatria. 7 ed. Sarvier, 1997.
- SCHMITZ, E. M. R. (org.) A enfermagem em pediatria e puericultura. São Paulo: Atheneu, 2000.
- SEGRE, C. A. M. Perinatologia fundamentos e prática. São Paulo: Sarvier, 2002.
- SOUZA, A. L. T. M.; FLORIO, A.; KAWAMOTO, E. E. O neonato, a criança e o adolescente. São Paulo: EPU, 2001.
- WONG, D.L. Enfermagem Pediátrica: Elementos essenciais à intervenção efetiva. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

28. ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER I

Ementa: As relações de gênero nos estudos da área da saúde da mulher. Política de promoção da saúde e prevenção de agravos relacionados à mulher. Aborda o ensino teórico e prático do processo de enfermagem e da assistência de enfermagem na atenção primária em saúde direcionados a atenção pré-natal de risco habitual, puerpério, aleitamento materno, prevenção e detecção do câncer cérvico-uterino e mamário, planejamento reprodutivo, climatério e violência à mulher.

Objetivos: Ao final da disciplina o aluno deverá conhecer as políticas públicas voltadas para a área da saúde da mulher; desenvolver a consulta de enfermagem na saúde da mulher na atenção primária em saúde, envolvendo os aspectos de prevenção e detecção do câncer cérvico-uterino e mamário, planejamento reprodutivo, climatério e violência à mulher; desenvolver a consulta de pré-natal de risco habitual; promover atividades educativas para a mulher e família; desenvolver habilidades para a coleta de preventivo e exame clínico das mamas.

Bibliografia Básica:

- BARROS, S. M. O. (Org.). Enfermagem Obstétrica e ginecológica: guia para a prática assistencial. São Paulo: Roca, 2002.
- FERNANDES, Rosa Aurea Quintella; NARCHI, Nádia Zanon (Orgs.). Enfermagem e saúde da mulher. Barueri, SP: Manole, 2007.
- FREITAS, F. (Org.). Rotinas em Ginecologia. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LOPES, Maria Helena Baena de Moraes. Enfermagem na saúde da mulher. Goiânia, GO: AB, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Atenção ao Pré-Natal de Baixo Risco**. 1ª reedição. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Infecção COVID-19 e os riscos às mulheres no ciclo gravídico-puerperal**. Nota Técnica nº 12/2020. 18/04/2020.
- _____. Ministério da Saúde. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- _____. **Manual prático para implementação da Rede Cegonha**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. **Portaria nº 1.459, de 24 de junho de 2011**. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS - a Rede Cegonha. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt1459_24_06_2011.html>. Acesso em: 20 jun.2020.

Bibliografia complementar:

- BRAGA, Kátia Soares (Org.). Bibliografia estudos sobre violência sexual contra a mulher: 1984 – 2003. Brasília: UNB, 2004.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres. Lei Maria da Penha: Lei n.11.340, de 7 de agosto de 2006: coibe a violência doméstica e familiar contra a mulher 2009. Brasília: Presidência da República, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes. 1. ed. 2.ª reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Falando sobre câncer do colo do útero. Rio de Janeiro: INCA, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual de Atenção à Mulher no Climatério / Menopausa. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual contra Mulheres e Adolescentes: norma técnica. 2. ed. atual. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- _____. Ministério da Saúde. Atenção integral para mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica e sexual: matriz pedagógica para formação de redes. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Aspectos Jurídicos do Atendimento às Vítimas de Violência - perguntas e respostas para profissionais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- DOURADOS. Sistematização da Assistência de Enfermagem no Pré-Natal. **Diário Oficial de Dourados**, 12 de julho de 2019.
- MATO GROSSO DO SUL. Protocolo de atendimento à gestante, puérpera e recém-nascido. **Diário Oficial do estado de Mato Grosso do Sul**, 9 de março de 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Recomendações da IMS sobre atendimento pré-natal para uma experiência gestacional positiva. Genebra, Suíça: OMS; 2016. Disponível em: <<https://www.mcsprogram.org/wp-content/uploads/2018/07/WHOMCSPUltrasondBrieferA4PG.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- RICCI, Susan Scott. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Tradução: Roxane dos Santos Jacobson. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2008.

29. ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO I

Ementa: A interrelação entre os vários sistemas do ser humano adulto e no processo de envelhecimento de maneira integral, inserido em seu contexto social e cultural em condições patológicas; elementos teórico-práticos fundamentais da enfermagem para a compreensão do processo saúde-doença voltado para os métodos diagnósticos e terapêuticos, na área cirúrgica (período perioperatório); aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem ao cliente adulto e idoso enquanto ser histórico, social e político, considerando o perfil epidemiológico nacional e regional, bem como os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS); desenvolvimento da Sistematização do Cuidado de Enfermagem em âmbito hospitalar abrangendo o Centro Cirúrgico, a Central de Material e a Unidade Cirúrgica; assistência à família do cliente cirúrgico; o cuidado de enfermagem na unidade cirúrgica apoiado em teorias de enfermagem, nas Portarias do Ministério da Saúde e nas Resoluções do Sistema COFEN/COREN.

Objetivos: ser capaz de diagnosticar e solucionar problemas de saúde no adulto e idoso hospitalizado; assegurar a integralidade da atenção, a qualidade e a humanização do atendimento ao adulto e idoso hospitalizado; integrar as ações de enfermagem às ações multiprofissionais; desenvolver habilidade para utilizar instrumentos e equipamentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde.

Bibliografia Básica:

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

- BRUNER, L. S e SUDDAR, D. S. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- MEEKER, M. H.; ROTHROCK, J. C. ALEXANDER: Cuidados de Enfermagem ao Paciente Cirúrgico. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 10 ed. 2008
- PRADO, C. Atualização terapêutica: manual prático de diagnóstico e tratamento. Rio de Janeiro: Artes Médicas, 2007.
- ROGANTE, M.M; FURCOLIN, M. I. R. Procedimentos Especializados de Enfermagem, 1ª ed., São Paulo, 2004
- SILVA, M. A. A.; RODRIGUES, A. L.; CESARETTI, I. U. R. Enfermagem na unidade de centro cirúrgico. 2.ed. São Paulo: EPU, 2008.
- VOLPATO, A. C. B.; PASSOS, V. C. S. Técnicas Básicas de Enfermagem. 2a ed. São Paulo: Martinari, 2007.

Bibliografia Complementar:

- GOLDENZWAIG, N.R.S.C. Manual de Enfermagem Médico-Cirúrgico. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- BARROS, A. L. B. Anamnese & Exame Físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FIGUEIREDO, N. M. A. TONINI, T. Gerontologia: Atuação de enfermagem no processo de envelhecimento. 2ª ED. São Paulo- SP: Edifitona Yendis. 2012.
- FISCHBACH, F. Manual de Enfermagem Exames laboratoriais e diagnóstico, 5ªed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 2002.
- JANICE, Boundy et al Enfermagem Médica Cirurgica. 3 ed. Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso Editores, , 2004.
- MORTON, P. G. et. al Cuidados Críticos em Enfermagem: uma abordagem holística. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007;
- JORGE, S. A.; DANTAS, S.R.P.E. Abordagem Multiprofissional do Tratamento de Feridas. São Paulo: Atheneu, 2003.
- MANUAL DE PRÁTICAS RECOMENDADAS PELA SOBECC: Associação Brasileira de Enfermeiros de CentroCirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material Esterilizado, 5ª ed. Revisão ampliada, São Paulo, 2009.
- PICCOLI, M. Enfermagem perioperatória identificação dos diagnósticos de enfermagem na visita préoperatória fundamentada no modelo conceitual de Levine. Cascavel: EDUNIOESTE, 2004.
- SAMAMA, G. Enfermagem no centro cirúrgico: generalidades, anestesia, cirurgia digestiva e cirurgia vascular. 2. ed. São Paulo: Andrei, 2004.
- SANTIN, J. R. et al. Envelhecimento Humano: Saúde e qualidade de vida. Passo Fundo-RS: Editora UPF. 2009.
- SANTOS, N. C. M. Clínica médica para enfermagem: conceitos e atuação para profissionais de enfermagem. 1 ed. São Paulo: Editora Pátria. 2004.
- SILVA, M. T.; SILVA, S. R. Cálculo e Administração de Medicamentos na Enfermagem. 2ª ed. São Paulo: Martinari, 2009.

30. ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO II

Ementa: A interrelação entre os vários sistemas do ser humano adulto e no processo de envelhecimento de maneira integral, inserido em seu contexto social e cultural em condições patológicas; elementos teórico-práticos fundamentais da enfermagem para a compreensão do processo saúde-doença voltado para os métodos diagnósticos e terapêuticos, na área clínica; aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem ao cliente adulto e idoso enquanto ser histórico, social e político, considerando o perfil epidemiológico nacional e regional, bem como os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS); desenvolvimento da Sistematização do Cuidado de Enfermagem em âmbito hospitalar abrangendo a Unidade Clínica; o cuidado de enfermagem na unidade clínica apoiado em teorias de enfermagem, nas Portarias do Ministério da Saúde e nas Resoluções do Sistema COFEN/COREN.

Objetivos: ser capaz de diagnosticar e solucionar problemas de saúde no adulto e idoso hospitalizado; assegurar a integralidade da atenção, a qualidade e a humanização do atendimento ao adulto e idoso

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

hospitalizado; integrar as ações de enfermagem às ações multiprofissionais; desenvolver habilidade para utilizar instrumentos e equipamentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde.

Bibliografia Básica:

- BRUNER, L. S e SUDDAR, D. S. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- MEEKER, M. H.; ROTHROCK, J. C. ALEXANDER: Cuidados de Enfermagem ao Paciente Cirúrgico. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 10 ed. 2008
- PRADO, C. Atualização terapêutica: manual prático de diagnóstico e tratamento. Rio de Janeiro: Artes Médicas, 2007.
- ROGANTE, M.M; FURCOLIN, M. I. R. Procedimentos Especializados de Enfermagem, 1ª ed., São Paulo, 2004
- SILVA, M. A. A.; RODRIGUES, A. L.; CESARETTI, I. U. R. Enfermagem na unidade de centro cirúrgico. 2.ed. São Paulo: EPU, 2008.
- VOLPATO, A. C. B.; PASSOS, V. C. S. Técnicas Básicas de Enfermagem. 2a ed. São Paulo: Martinari, 2007.

Bibliografia Complementar:

- GOLDENZWAIG, N.R.S.C. Manual de Enfermagem Médico-Cirúrgico. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- BARROS, A. L. B. Anamnese & Exame Físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FIGUEIREDO, N. M. A. TONINI, T. Gerontologia: Atuação de enfermagem no processo de envelhecimento. 2ª ED. São Paulo- SP: Edifora Yendis. 2012.
- FISCHBACH, F. Manual de Enfermagem Exames laboratoriais e diagnóstico, 5ªed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 2002.
- JANICE, Boundy et all Enfermagem Médica Cirurgica. 3 ed. Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso Editores, , 2004.
- MORTON, P. G. et. al Cuidados Críticos em Enfermagem: uma abordagem holística. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007;
- JORGE, S. A.; DANTAS, S.R.P.E. Abordagem Multiprofissional do Tratamento de Feridas. São Paulo: Atheneu, 2003.
- MANUAL DE PRÁTICAS RECOMENDADAS PELA SOBECC: Associação Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material Esterilizado, 5ª ed. Revisão ampliada, São Paulo, 2009.
- PICCOLI, M. Enfermagem perioperatória identificação dos diagnósticos de enfermagem na visita pré operatória fundamentada no modelo conceitual de Levine. Cascavel: EDUNIOESTE, 2004.
- SAMAMA, G. Enfermagem no centro cirúrgico: generalidades, anestesia, cirurgia digestiva e cirurgia vascular. 2. ed. São Paulo: Andrei, 2004.
- SANTIN, J. R. et al. Envelhecimento Humano: Saúde e qualidade de vida. Passo Fundo-RS: Editora UPF. 2009.
- SANTOS, N. C. M. Clínica médica para enfermagem: conceitos e atuação para profissionais de enfermagem. 1 ed. São Paulo: Editora Pátria. 2004.
- SILVA, M. T.; SILVA, S. R. Cálculo e Administração de Medicamentos na Enfermagem. 2ª ed. São Paulo: Martinari, 2009.

31. PSICOLOGIA APLICADA A ENFERMAGEM I

Ementa: Psicologia Geral. Relação aluno de enfermagem/paciente. O paciente: Aspectos psicológicos, culturais, sociais e econômicos. Estar doente: mecanismo de defesa empregado; Direitos e ganhos; Deveres e perdas. A formação psicológica do enfermeiro. A humanização como princípio do cuidar. A importância do papel do profissional de Enfermagem no processo de recuperação do paciente. Equipe Multidisciplinar ou Interdisciplinar? Semelhanças, Contrastes e Importância. As necessidades espirituais e o processo de enfermagem. Recursos espirituais pessoais do enfermeiro. A morte e o morrer. O aluno de

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

Enfermagem e a Morte: aspectos psicológicos. Stress/Enfermagem: Vicissitudes desta área de trabalho. A relação enfermagem/paciente: aspectos envolvidos e formas de atuação. Psicologia Social. Psicologia de Grupo. Repercussões emocionais da tuberculose; hanseníase; hepatite viral e DST/AIDS. Psicossomática e câncer. Feminilidade.

Objetivos: Identificar os aspectos do desenvolvimento psicológico do ser humano; identificar as necessidades individuais de saúde do acadêmico, do indivíduo e da coletividade; compreender os aspectos psicológicos das relações humanas; e refletir sobre a morte e o morrer. Compreender os aspectos psicológicos das relações humanas; e refletir sobre os aspectos emocionais frente às enfermidades agudas e crônicas.

Bibliografia Básica:

BOCK, A. M. B. e cols. Psicologia: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 1993.
MANZOLLI, M. C. e cols. Relacionamento em Enfermagem. Aspectos Psicológicos. São Paulo: Editora Sarvier, 1987.
MELLO F^o, J. Psicossomática Hoje. Porto Alegre, 1992.
MONTEIRO, D. da M. R. Mulher: Feminino Plural. Mitologia, História e Psicanálise. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.
TURATO, E.R. (Organizador) Psicologia da Saúde: Estudos Clínicos-Qualitativos. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

Bibliografia Complementar

ANGERAMI-CAMON, W. A. et. al. E a Psicologia entrou no Hospital. São Paulo, Thomson Learning, 2003.
ANGERAMI-CAMON, W. A. et. al. Atualidades em Psicologia da Saúde. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 2004.
KUBLER – ROSS E. Morte. Estágio Final da Evolução. Rio de Janeiro: Record, 1999.
LABAKI, M. E. P. Morte. Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
MANZOLLI, M. C. e cols. Relacionamento em Enfermagem. Aspectos Psicológicos. São Paulo: Sarvier, 1987.
TURATO, E.R. (Organizador) Psicologia da Saúde: Estudos Clínicos-Qualitativos. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.
CECCARELLI, P. R. Os destinos do corpo. IN: VOLICH, R. M.; FERRAZ, F. C.; ARANTES, M. A. de A. (Organizadores). Psicossoma II: Psicossomática Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 127-136.
CERCHIARI, E. A. N. Psicossomática – Um estudo histórico e Epistemológico. Revista Psicologia Ciência e Profissão. Ano 20 n.º 4, p.64-79, 2000.
CERCHIARI, E. A. N. Uma Contribuição ao Estudo da Relação Câncer de Mama e Alexitimia. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 1998.
DELLA TORRE, M. B. L. O homem e a sociedade. São Paulo: Nacional, 1985.
LANE, S. T. M. O que é psicologia social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. LANE, S. T. M.; CODO, W.; O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1987.
PERARO, M. A.; BORGES, F. T. de. (Organizadores). Mulheres e famílias no Brasil. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005.
SILVA, P. Q. A Mastectomia sob o olhar masculino. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Enfermagem, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Dourados, 2007.

Bibliografia Complementar:

MANZOLLI, M. e cols. Psicologia em Enfermagem. São Paulo: Editora Sarvier, 1981. MANZOLLI, M. C. e cols. Relacionamento em Enfermagem. Aspectos Psicológicos São Paulo: Sarvier, 1987.

32. NUTRIÇÃO APLICADA À ENFERMAGEM II

Ementa: Dietoterapia nas diferentes fases fisiológicas (da criança ao idoso). Patologias com indicação para alimentação especial. Principais patologias do aparelho digestivo. Doenças carenciais. Doenças neurológicas e neuro-psiquiátricas. Alergia alimentar. Terapêutica alimentar às enfermidades metabólicas, endócrinas, dislipidemia, cardio-vasculares e nefro-urinárias, nas alterações patológicas da gestação, nas queimaduras, politraumatismos e cirurgias, nas neoplasias, infecto-parasitárias e imunossupressoras, como fator de promoção e recuperação da saúde do indivíduo, considerando seu estado nutricional e características psico-sociais e culturais.

Objetivos: Conhecer a nutrição adequada às necessidades energéticas do organismo e dietas terapêuticas nas diferentes condições patológicas e na recuperação da saúde do indivíduo.

Bibliografia Básica:

ANDERSON, L.; et al. Nutrição. 17. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
AUGUSTO, A. L. P.; et al. Terapia nutricional. São Paulo: Atheneu, 1995.
KRAUSE & MAHAN. Alimentos, nutrição e dietoterapia. 8. ed. São Paulo: Rocca, 1995.
MAHAN & ARLIN. Alimentos, nutrição e dietoterapia. 9. ed. São Paulo: Roca, 1998. TEIXEIRA NETO, F. Nutrição Clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

Bibliografia Complementar:

BODINSKI, L. H. Dietoterapia: princípios e prática. São Paulo: Atheneu, 1993.
DAN, L. W. Nutrição enteral e parenteral na prática clínica. Rio de Janeiro: Atheneu, 1995.
FARELL, M. L.; NICOTERI, J. A. L. Nutrição em Enfermagem. Editora LAB, 2005.
LEÃO, L. S. C. S.; GOMES, M. C. R.; Manual de Nutrição Clínica. Editora Vozes, 2003.
MAHAN, E. S. Krause: Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. 9. ed. São Paulo: Roca, 2005.
MARTINS, C.; MEYER, L. R.; SAVI, F.; MORIMOTO, I. M. I. Manual de Dietas Hospitalares. Nutroclínica, 2001.
NETO, F. T. Nutrição Clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

33. FARMACOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM II

Ementa. Farmacologia de Antimicrobianos. Farmacologia em Anestesia: anestésicos gerais, anestésicos locais, bloqueadores neuromusculares, analgésicos opióides. Farmacologia dos sistemas tegumentar, cardiovascular, hematológico, digestório, neurológico, respiratório e renal. Farmacologia em Oncologia. Farmacologia na Saúde da Mulher. Farmacologia na Saúde da Criança. Farmacologia na Saúde do Idoso. Medicamentos potencialmente perigosos. Farmacologia e Segurança do Paciente.

Objetivos: ter domínio dos processos farmacológicos e farmacocinéticos dos medicamentos; aprender sobre o papel do enfermeiro em relação ao uso de medicamentos no âmbito dos cenários de maior adensamento tecnológico, como administração de medicamentos e cuidados afins em ambientes hospitalares.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Formulário terapêutico nacional 2010: Rename 2010. 2. Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
BRUNTON, L.L.; CHABNER, B.A.; KNOLLMANN, B.C. As bases farmacológicas da terapêutica de Goodman & Gilman. 12. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.
CLAYTON, B.D.; STOCK, Y.N. Farmacologia na Prática de Enfermagem. 13 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
FUCHS, I. D.; WANNACHER, L. Farmacologia Clínica: fundamentos de terapêutica racional. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
KATZUNG, B. G. Farmacologia Básica & Clínica. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
RANG, H. P., et al Rang & Dale, farmacologia. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. SILVA, P. Farmacologia. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Bibliografia Complementar:

BRAGALONE, D.L. Drug information handbook for oncology. 12th. Edition. Philadelphia, Pennsylvania: Lexicomp: Wolters Kluwer, 2014.
BRASIL. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para hepatite viral C e coinfeções. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
BRASIL. Amamentação e uso de medicamentos e outras substâncias. 2. Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
BRASIL. Recomendações para profilaxia da transmissão vertical do HIV e terapia anti-retroviral em gestantes. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
BRASIL. Diretrizes para o controle da sífilis congênita. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
BRASIL. Pré-natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
BRASIL. Protocolos da unidade de emergência. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

- BRASIL. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- CASSIANI, S.H.B. (org.). Hospitais e medicamentos. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.
- HARADA, M.J.C.S.; PEDREIRA, M.L.G. Terapia intravenosa e infusões. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2011.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. Ações de Enfermagem para o controle do câncer: uma proposta de integração ensino-serviço. Rio de Janeiro: INCA, 2008.
- PHILLIPS, L.D. Manual de terapia intravenosa. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- MOHALLEM, A.G.C.; FARAH, O.G.D.; LASELVA, C.R. (org.). Enfermagem pelo método estudo de casos. Barueri, SP: Manole, 2011.
- TATRO, D.S. Drug interaction Facts. St. Louis, Missouri: Wolter Kluwer: Facts & Comparisons, 2014.
- TRISSEL, L.A. Handbook on injectable drugs. 17th. Edition. Bethesda: American Society of Health-System Pharmacy, 2013.
- WHITE, R.; BRADNAM, V. Handbook of drug administration via enteral feeding tubes. Second Edition. Philadelphia, Pennsylvania: Pharmaceutical Press, 2012.

34. PROJETO EM CIÊNCIAS DA ENFERMAGEM E DA SAÚDE II

Ementa: Tipos de pesquisa qualitativa/quantitativa/de revisão, marco teórico-metodológico, métodos de coleta e tabulação de dados, apresentação de relatórios de pesquisa, periódicos para publicação de pesquisas, trabalhos de extensão e de ensino. Construção de relatórios de pesquisa, artigos científicos, apresentação de trabalhos em bancas de avaliação e eventos científicos.

Objetivos: conhecer os princípios que regem a pesquisa qualitativa em saúde; iniciar projeto de pesquisa de campo relacionado ao cuidado de seres humanos.

Bibliografia básica:

- BARBIER, R. A pesquisa-ação. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOSI, M.L.M.; MERCADO, F.J. (org.). Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FLICK U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3^a. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LEFEVRE F. Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10^a ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

Bibliografia Complementar:

- BARBOUR, R. Grupos Focais. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUER, M.W; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). Usos & abusos da história oral. 8^a. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- OLIVEIRA, S. L. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TCI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 2002.
- THIOLLENT M. Metodologia da pesquisa-ação. 16^a. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- TURATO, E. R. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teóricoepistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humana. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- VICTORA, C.G; KNAUTH, D.R; HASSEN, M.N.A. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

35. EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM

Ementa: Políticas Curriculares em Educação e em Saúde. A formação do enfermeiro sob as perspectivas das diretrizes do Sistema Único de Saúde. O sistema educacional brasileiro. A educação em enfermagem em diferentes cenários educacionais. O papel do enfermeiro educador. Ensino Clínico em Enfermagem. Educação em Enfermagem e em Saúde: concepções e tendências na educação superior.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

Objetivos: compreender o processo de educação em enfermagem a partir das políticas públicas de saúde e o papel do enfermeiro nos contextos educacionais em saúde. Conhecer as possibilidades para o enfermeiro no cenário educacional, da educação básica até a educação superior.

Bibliografia básica:

ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L.P. (organizadores). Processos de Ensino na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: UNIVILLE, 2003.
BAGNATO, M.H.S.; COCCO, M.I.M.; DE SORDI, M.R.L. (organizadores). Educação, Saúde e Trabalho: antigos problemas, novos contextos, outros olhares. Campinas: Alínea, 1999.
BATISTA, N.A.; BATISTA, S.H. (organizadores). Docência em Saúde: temas e experiências. São Paulo: SENAC, 2004.
BATISTA, N.A.; BATISTA, S.H.; ABDALLA, I.G. (organizadores). Ensino em Saúde: visitando conceitos e práticas. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.
NIETSCHKE, E.A. (org.). O processo educativo na formação e na práxis dos profissionais da saúde: desafios, compromissos e utopias. Santa Maria: EdUFSM, 2009.

Bibliografia Complementar:

CARVALHO, A.L. Avaliação da Aprendizagem em ensino clínico da licenciatura em Enfermagem. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
GOODSON, I.F. Currículo: teoria e prática. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
PERRENOUD, P. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.
RAMOS, M. Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.
RENOVATO, R. D. ; MISSIO, L. O curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: a história dos seus primeiros doze anos.. In: VII Jornada do HISTEDBR - " O trabalho didático na história da educação", 2007, Campo Grande - MS. Anais da VII Jornada do HISTEDBR - História, Sociedade e Educação no Brasil. Campo Grande-MS : UNIDERP, 2007. v. 1. p. 1-20.
RENOVATO, R. D. et al. As identidades dos enfermeiros em cenários de mudanças curriculares no ensino da enfermagem. Trabalho, Educação e Saúde, v. 7, p. 231-248, 2009.
RODRIGUES, R.M. Diretrizes Curriculares para a Graduação em Enfermagem no Brasil: contexto, conteúdo e possibilidades para a formação. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas, 2005.
SAUPE, R. (organizador). Educação em Enfermagem: da realidade construída à possibilidade em construção. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
TARDIFF, M. Saberes professores e formação profissional. 8ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

36. SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM – SAE II

Ementa: Sistematização da assistência de enfermagem: desenvolvimento do processo de enfermagem utilizando Classificação dos Diagnósticos de Enfermagem Norte Americana (Diagnóstico NANDA), Intervenções de Enfermagem (NIC), Resultados esperados (NOC), além de outras classificações com foco no atendimento hospitalar. O desenvolvimento das atividades poderão ocorrer a partir de narrativas e situações problemas.

Objetivo: Desenvolver no estudante a habilidade para execução da sistematização da assistência de enfermagem em instituições hospitalares a partir das experiências vivenciadas nas aulas práticas das disciplinas de Ciências da Enfermagem.

Bibliografia básica:

COFEN, Resolução n. 358 de 15 de outubro de 2009.
MENEZES SRT, PRIEL MR, PEREIRA LL. Autonomia e vulnerabilidade do enfermeiro na prática da Sistematização da Assistência de Enfermagem. Rev. Esc Enferm USP, 2011; 45(4):953-8.
NANDA Internacional. Diagnósticos de Enfermagem da NANDA: definições e classificações, 2009-2011. Porto Alegre: Artmed, 2010.
TANNURE MC, PINHEIRO AM. SAE - Sistematização da Assistência de Enfermagem: guia prático. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan; 2011. 298 p.

ZANARDO GM, ZANARDO GM, KAEFER CT. Sistematização da Assistência de Enfermagem. Revista Contexto & Saúde. 2011; 10(20):1371-1374.

Bibliografia Complementar:

NANDA Internacional. Diagnósticos de Enfermagem da NANDA: definições e classificações, 2012-2014. Porto Alegre: Artmed, 2012.

DOCHTERMAN JM, BULECHEK GM. Classificação das intervenções de enfermagem (NIC). 4a. ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.

GARCIA TR, NÓBREGA MML. Processo de enfermagem: da teoria à prática assistencial e de pesquisa. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2009;13(1):188-93.

JOHNSON, M.; MAAS, M.; MOORHEAD, S. Classificação dos Resultados de Enfermagem (NOC). São Paulo: Artmed; 2008.

SILVA LWS, NUNES ECDA, SOUZA DM, SANTOS CS, PEREIRA LC. Sistematização da Assistência de Enfermagem: a práxis no ser, saber e fazer o cuidado. Cogitare Enferm 2011; 16(3):560-64.

QUARTA SÉRIE

37. PSICOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM II

Ementa: Noções básicas sobre o funcionamento psíquico. O ciclo da vida humana I (gravidez, parto, puerpério, o bebê e os pais, a criança de 0 a 03 anos, a criança pré-escolar, a idade escolar, a puberdade, o adolescente, o adulto jovem e meia idade). Psicossomática: A questão do afeto nas doenças orgânicas. Crianças e adolescentes hospitalizados. A família das crianças e adolescentes hospitalizados e a equipe de saúde. As Pessoas e as organizações. Grupos e equipes. Comunicação interpessoal e desenvolvimento de equipes. Motivação de equipes. Noções básicas de chefia e liderança. Administração de conflitos. Aspectos psicossociais do atendimento de emergências. O ciclo da vida humana II (a velhice; a morte: última etapa do ciclo vital).

Objetivos: identificar e compreender os aspectos psicológicos das relações humanas; compreender as relações humanas na dinâmica do trabalho institucional reconhecendo-se como agente desse processo; e refletir sobre os aspectos emocionais frente às enfermidades agudas e crônicas nos diferentes ciclos de vida humana. Compreender as relações humanas na dinâmica do trabalho institucional reconhecendo-se como agente desse processo; e refletir sobre os aspectos emocionais frente às enfermidades agudas e crônicas nos diferentes ciclos de vida humana.

Bibliografia Básica:

ANGERAMI-CAMON, W. A. et. al. E a Psicologia entrou no Hospital. São Paulo, Thomson Learning, 2003.

AJURIAGUERRA, J. de. Manual de Psiquiatria Infantil. 2ª ed. Direitos Autorais para língua portuguesa Editora Masson do Brasil Ltda.

D'ANDREA, F. Desenvolvimento da Personalidade. São Paulo: Editora Bertrand, 1983.

EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI.; BASSOLS, A. M. S. O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.

Porto Alegre, Artes Médicas, 2001, (Reimpressão, 2007).

LEVISKY, D. L. Adolescência: Reflexões Psicanalíticas. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

BARTMANN, M.; TÚLIO, R.; KRAUSER, L.T. A Administração na Saúde e na Enfermagem. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2008.

D'ANDREA, F. Desenvolvimento da Personalidade. São Paulo: Editora Bertrand, 1983.

EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI.; BASSOLS, A. M. S. O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.

Porto Alegre, Artes Médicas, 2001, (Reimpressão, 2007).

MELLO Fº, J. Psicossomática Hoje. Porto Alegre, 1992.

PACHECO, L.; SCOFANO, A. C.; BECKERFT, M.; SOUZA V. de. Capacitação e desenvolvimento de pessoas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ZIMERMANN, G. I. (2000). Velhice. Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed.

Bibliografia Complementar:

MELLO F^o, J. Psicossomática Hoje. Porto Alegre, 1992.

RAPPAPORT, C. R. Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo: E.P.U. 1983.

ROSA, M. Psicologia Evolutiva. Petrópolis: Editora Vozes, 4 ed., 1988.

SOIFER, R. Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

VOLICH, R. M.; FERRAZ, F. C.; ARANTES, M. A. de A. (Organizadores). Psicossoma II: Psicossomática

Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. ZIMMERMANN, A. et. al. Gestaçã, Parto e

Puerpério. IN: EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI.; BASSOLS, A. M. S. O ciclo da vida humana: uma

perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001, (Reimpressão, 2007), p. 30 – 40.

ZIMERMAN, G. I. Velhice. Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed. 2000.

Bibliografia complementar:

CHIAVANETO, I. Recursos Humanos. Edição Compacta. São Paulo: Editora Atlas, 6^a edição, 2000.

NOVO, D.V.; CHERNICHARO, E.A.M.; BARRADAS, M.S.S. Liderança de Equipes. Rio de Janeiro:

Editora FGV, 2008.

WEIL, P. Relações Humanas na Família e no Trabalho. 43^a ed. RJ/Petrópolis: Vozes, 1991.

38. ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER II

Ementa: aborda o ensino teórico e prático da assistência de enfermagem na saúde reprodutiva, incluindo o trabalho de parto, parto, puerpério, aleitamento materno e a assistência de Enfermagem ao recém-nascido sadio. Enfoca também aspectos na assistência a mulheres portadoras de patologias ginecológicas e mamasias mais prevalentes na região.

Objetivos: Preparar o aluno para o cuidado à mulher no ciclo grávido-puerperal, e ao recém-nascido sadio e/ou com intercorrências comuns, incluindo a família e a comunidade; discorrer, analisar e desenvolver ações de enfermagem às mulheres que vivenciam afecções ginecológicas.

Bibliografia Básica:

BARROS, S. M. O. (Org.). Enfermagem Obstétrica e ginecológica: guia para a prática assistencial. São Paulo: Roca, 2002.

BRANDEN, P.S. Enfermagem Materno-infantil. Tradução de Carlos Henrique Cosendey. 2 ed. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Saúde da Mulher. Gestaçã de Alto Risco. 3 ed. Brasília, 2000.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília, 2001.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atençã à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Pré-natal e Puerpério: atençã qualificada e humanizada – manual técnico/Ministério da Saúde, Secretaria de Atençã à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atençã à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Atençã Humanizada ao Abortamento: norma técnica/Ministério da Saúde, Secretaria de Atençã à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atençã à Saúde. Departamento de Atençã Básica. Atençã ao pré-natal de baixo risco / Ministério da Saúde. Secretaria de Atençã à Saúde. Departamento de Atençã Básica. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atençã à Saúde. Departamento de Ações Pragmáticas estratégicas. Atençã à Saúde do Recém-nascido: Guia para os Profissionais de Saúde.vol.1- 2^a ed.- Brasília: Ministério da Saúde,2012.

BURROUGS, A. Uma introduçã à enfermagem materna. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

NEME, B. Obstetrícia Básica. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 2000.

REZENDE, J. Obstetrícia. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

SOUZA, A.L.T; FLORIO,A; KAWAMOTO,E.E. O neonato, a criançã e o adolescente. São Paulo: Ed.EPU, 2001. ZIEGEL, Erna E.; CRANLEY, Mecca S. Enfermagem Obstétrica. 8 ed. Rio de Janeiro:

Guanabara-koogan, 1985.

Bibliografia Complementar:

ATWOOD,K. et al. Enfermagem Materna-Neonatal. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan , 2007.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

- FIGUEIREDO, N.M. Ensinando a cuidar da mulher, do homem e do recém nascido. São Caetano do Sul: Ed.Yendis 2005.
- FILHO, N.A et al. Perinatologia básica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- KENNER, C. Enfermagem Neonatal. 2º ed. Rio de Janeiro: Ed.Reichmann & Affonso, 2001
- JOHNSON, J.Y. Enfermagem Materna e do Recém-nascido Desmistificada. Porto Alegre: Ed AMGH, 2012.
- LEONE, C. R. et al (org). Assistência Integrada ao Recém-nascido de Baixo Risco. 2ªed. São Paulo: Atheneu, 2012 .
- MELSON, K.A et al. Enfermagem materno-infantil: plano de cuidados. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Reichmann & Affonso, 2002.
- OLIVEIRA, ME; MONTICELLI, M.; BRUGGEMANN, OM. Enfermagem Obstétrica e Neonatologica - Textos Fundamentais. 2ª ed. Ver. - Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Evidencias científicas dos dez passos para o aleitamento materno. Tradução de Maria Cristina Gomes do Monte. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2001. RICCI, S.S. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2008.
- SANTOS, N.C.M. Assistência de Enfermagem materno-infantil. São Paulo: Ed. Iátria, 2004.
- SOUZA, A.B.G. et al. Enfermagem Neonatal. São Paulo: Martinari, 2011.
- WATANABE, R.T.M.; FERRI, E.K. (Org.). Grupos de Pré-Natal: uma proposta multiprofissional. 1 ed. Dourados/MS: Editora da UNIGRAN, 2007, v. 1, p. 93-107.
- ZAMPIERI, M.F. et al. Enfermagem na atenção primária à saúde da mulher: textos fundamentais – série atenção primária à saúde. Vol. 2. Florianópolis: UFSC/NFR.

39. ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO III

Ementa: o pensar e o agir no atendimento pré-hospitalar, trans-hospitalar e as unidades fixas de atendimento as urgências hospitalares, tendo como base, a sistematização da assistência ao paciente de alto risco, nas situações do cuidar emergente e ou intensivo nos diversos cenários de atendimento ao ser humano, em nível individual e familiar e considerando os determinantes sócio culturais, econômicos e ecológicos do processo saúde doença, bem como os princípios éticos, legais e humanísticos, inerentes ao cuidado de enfermagem; a sistematização da assistência, com ênfase na avaliação, no diagnóstico e intervenções de enfermagem, concebidos pela teoria de Wanda Horta; a integração da equipe multiprofissional de saúde no atendimento ao paciente crítico.

Objetivos: ser capaz de diagnosticar e solucionar problemas de saúde no adulto e idoso em situações de urgência e emergência; assegurar a integralidade da atenção, a qualidade e a humanização do atendimento ao adulto e idoso em situações de urgência e emergência; integrar as ações de enfermagem às ações multiprofissionais; desenvolver habilidade para utilizar instrumentos e equipamentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde.

Bibliografia Básica

- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de atenção às Urgências: SAMU 192. Série E. Legislação e Saúde. Editora MS, 3 edição ampliada. Brasília, 2006. Home page: <http://www.saude.gov.br/sas>
- CALIL, A. M. O enfermeiro e as situações de emergência. São Paulo, Atheneu, 2007
- CINTRA et al, Assistência de Enfermagem ao Paciente Gravemente Enfermo. 2 edição, São Paulo: Atheneu, 2003.
- PETROIANU, A.; Urgências Clínicas e Cirúrgicas. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- ZUÑIGA, Q. G. P. Ventilação Mecânica Básica para Enfermagem. Editora Atheneu, 2004

Bibliografia Complementar:

- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Protocolos da Unidade de emergência. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Editora MS, 10 edição, 1 e 2 parte. Brasília, 2002. Home page: <http://www.saude.gov.br/sas>
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Humaniza SUS – Acolhimento com Avaliação e classificação de risco. Brasília, 2004. Home page: <http://www.saude.gov.br/>
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Regulação Médica das Urgências. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Editora MS, Brasília, 2006. Home page: <http://www.saude.gov.br/sas>

BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. S. Tratado de enfermagem: médico-cirúrgica. 10. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FISCHBACH, F. Manual de Enfermagem: Exames Laboratoriais e Diagnósticos. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

HUDAK, C.M.; GALLO, B.M. Cuidados intensivos de enfermagem: uma abordagem holística. 6. ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1997.

HUDDLESTON, S. S. Emergências Clínicas: Abordagens, Intervenções e autoavaliação. Editora LAB. 3 edição. 2006.

JOHNSON & COLS, Diagnósticos, Resultados e Intervenções de Enfermagem: ligações entre NANDA, NOC e NIC. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NAEMT – Comitê do PHTLS da National Association of Emergency Medical Technicians, em cooperação com o comitê de trauma do colégio Americano de Cirurgiões. Atendimento Pré-Hospitalar ao Traumatizado PHTLS. 6ª edição, Editora Elsevier. 2007.

NANDA internacional. Diagnósticos de enfermagem da Nanda: definições e classificação 2009-2011. Porto Alegre, Artmed, 2010.

40. GESTÃO E GERENCIAMENTO DE ENFERMAGEM EM SERVIÇOS DE SAÚDE: UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE

Ementa: Do conceito de administração ao conceito de gestão. Princípios da gestão de sistemas e serviços de saúde. Aspectos da conjuntura da gestão em saúde no Brasil no contexto das redes. Desafios da gestão em saúde para a implantação de modelo assistencial coerente com os princípios e diretrizes do SUS a partir da análise crítica de modelos de gerência em saúde e modelos de assistência à saúde. Gestão do trabalho em saúde. O papel do planejamento estratégico na gestão em saúde. Conceitos e modelos de análise de produtividade e qualidade de serviços. Gestão administrativa e financeira no SUS.

Objetivos: Desenvolver conceitos, procedimentos e atitudes necessárias para a gestão em saúde, considerando a complexidade social local e os diversos segmentos envolvidos com ênfase na importância do ajuste do arranjo assistencial/modelo de atenção à realidade.

Bibliografia Básica

Albuquerque EM. As Especificidades contemporâneas do trabalho no setor saúde. In: Castro J, Santana JP. Negociação coletiva do trabalho em saúde. Brasília: OPAS/OMS; 1998.

ANS. Regulação e saúde: estrutura, evolução e perspectivas da assistência médica suplementar. Brasília: Ministério da Saúde; 2002.

Campos GWS. Um método de análise e cogestão de coletivos. São Paulo: Hucitec; 2000.

Motta PR. Gestão contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente. Rio de Janeiro: Record; 1991.

Negri B, Viana ALD A. O sistema único de saúde em dez anos de desafio. São Paulo: Cealag; 2002.

Dias, Emerson de Paulo. Conceitos de gestão e administração: uma revisão crítica. REA-Revista Eletrônica de Administração, v. 1, n. 1, 2011.

AZEVEDO, C. Planejamento e Gerência no Enfoque Estratégico-Situacional de Carlos Matus. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro: 8(2), 29-133. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v8n2/v8n2a03.pdf>

BARBOSA, L.R.; MELO, M.R.A.C. Relações entre qualidade da assistência de enfermagem: revisão integrativa da literatura. Revista Brasileira de Enfermagem. v.61, n.2, p.366-67; 2008.

CAMPOS, G.W.S.; AMARAL, M. A. A clínica ampliada e compartilhada, a gestão democrática e redes de atenção como referenciais teórico-operacionais para a reforma do hospital. Ciência e Saúde Coletiva. v.12, n.4, p.849-59; 2007.

41. ENFERMAGEM EM DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS

Ementa: Assistência de enfermagem a pacientes com doenças transmissíveis enfocando os aspectos preventivos, curativos e de reabilitação a nível hospitalar.

Objetivos: Prestar assistência de enfermagem a pacientes portadores de doenças transmissíveis, descrever a finalidade do isolamento em doenças transmissíveis; descrever os tipos de precaução em doenças transmissíveis; descrever técnicas específicas de precauções em doenças transmissíveis; aplicar medidas de biossegurança; descrever as reações orgânicas à infecção; citar os fatores que contribuem para a infecção hospitalar; descrever as ações de prevenção e controle das doenças transmissíveis; aplicar um método sistematizado na assistência a um paciente portador de doença

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

transmissível, a ser determinado; planejar e implementar ações interventivas referentes ao processo infeccioso.

Bibliografia Básica:

AMATO NETO, V.; BALDY, J.L.S. Doenças Transmissíveis. 1ª reimp., São Paulo, Guanabara Koogan, 1991. CANINI, S.R.M.; GIR, E.; HAYASHIDA, M.; MACHADO, A.A. Acidentes perfurocortantes entre trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário do interior paulista. Rev. Latino Am.Enf., v.10, n.2, p. 172-8, março/abril, 2002.

COLOMBRINI, MRC; MUCKE, AG; FIGUEIREDO, RM. Enfermagem em Infectologia. Cuidado com paciente internado. Editora Atheneu, São Paulo, 2001.

FERNANDES APM, GIR E. Adesão À Terapêutica Antiretroviral. Informativo Latino-Americano de Enfermagem, n. 42, p.05, julho, 2002

FERNANDES APM, GONÇALVES MAG, GIR E.; DONADI EA Fatores Imunogenéticos Envolvidos na progressão para a aids. Jornal Brasileiro Doenças Sexualmente transmissíveis, 14(4): 2002.

FERNANDES, A.T.; FERNANDES, M.O.V; FILHO, N.R. Infecção Hospitalar e suas interfaces na área de saúde. Editora Ateneu.

GIR, E.; SILVA, A.M.; COSTA, F.P.P.; HAYASHIDA, M. Alterações na prática profissional de enfermeiros de um hospital de ensino do interior paulista em consequência ao surgimento de HIV/Aids. Rev.Gaúcha Enf., v.21, n.2, p. 37-54, julho de 2000.

Bibliografia Complementar:

GRIMES, D. E. et al. Enfermedades Infecciosas. Barcelona. Mosby 1994

MANDELL. Principles & Practice of Infectious Disease. Editora Churchill Livingstone, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de Controle da Infecção Hospitalar, Normas e Manuais Teóricos. Centro de Documentação do M.S. 1986.

OPAS/OMS - Controle das Doenças Transmissíveis no homem. 13ª ed. Washington D.C., 1983. 420p.

RODRIGUES, E.A.C. et al. Infecções Hospitalares: prevenção e controle. São Paulo. SARVIER, 1997.

SCHECHTER, M; MARANGONI, DV. Doenças Infecciosas: conduta diagnóstica e terapêutica. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1998.

TAVARES, W. Manual de Antibióticos e quimioterápicos. Rio de Janeiro. Editora Livraria Ateneu 1990. 770p.

VERONESI, R; FOCACCIA, R. Tratado de Infectologia. 2ª reimpressão., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1999.

42. GESTÃO E GERENCIAMENTO DE ENFERMAGEM EM SERVIÇOS DE SAÚDE: UNIDADES HOSPITALARES

Ementa: estuda o processo de trabalho e as estruturas organizacionais em saúde hospitalar e na Enfermagem. Fundamentos teóricos para: a administração; de recursos humanos; modelos de organização do cuidado ao paciente; tomada de decisão; educação em serviço; gerenciamento de materiais dos órgãos de enfermagem; dimensionamento, recrutamento e seleção de pessoal e a qualidade de vida no trabalho em saúde/Enfermagem; teorias administrativas aplicadas a enfermagem; desenvolvimento de habilidades e competências gerenciais e de liderança para a gestão de unidades de internação e serviços de enfermagem hospitalar.

Objetivos: Proporcionar aos estudantes o aprendizado de conteúdos de administração em Enfermagem que possibilite reflexões em relação a organização do processo de trabalho em Enfermagem no âmbito hospitalar, introduzir a capacidade de gerenciar com princípios éticos e científicos, resolutividade, planejamento, tomada de decisão, participação e liderança tanto no nível individual como no coletivo.

Bibliografia Básica:

Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução –RDC nº50, de 21 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Brasília: 2002.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Brasília, DF: [s.n], 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8080.htm>. Acesso em: 14 fev. 2014.

CHIAVENATO, I. Administração: teoria, processo e prática. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1994.

Chiavenato I. Introdução à teoria geral de administração. 8ª ed., São Paulo: Campus; 2001.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. Principais legislações para o exercício da Enfermagem.

São Paulo; 2007/2008.

KURCGANT P. coordenadora. Administração em Enfermagem. São Paulo: EPU; 1991.

KURCGANT P. coordenadora. Gerenciamento em Enfermagem. São Paulo: Guanabara-Koogan; 2ª edição, 2012.

MARQUIS, B. L.; HUSTON, C. J. Administração e liderança em enfermagem. 2. ed. São Paulo: Artes Médicas, 1999.

MARX, L. C.; MORITA, L. C. Manual de gerenciamento de enfermagem. São Paulo: Rufo Editores e Associados, 1993.

Bibliografia Complementar

BRASIL. Ministério da Saúde. Glossário do Ministério da Saúde: projeto de terminologia em saúde. Brasília; Ministério da Saúde; 2004.

CIANCIARULLO, T. I. C & Q Teoria e prática em auditoria de cuidados. São Paulo: Ícone, 1997.

CAMARGOS, A. T. A passagem de plantão e sua influência no trabalho da enfermagem. Esc.Enf. /UFMG. 1999. (Dissertação de mestrado).

CIANCIARULLO, T. J. Instrumentos básicos para cuidar: um desafio para a qualidade de assistência São Paulo:Atheneu, 1996.154p

SPAGNOL, C.A; FERNANDES, M.S. Estrutura organizacional e o serviço de enfermagem hospitalar: aspectos teóricos. Rev Gaúcha de Enferm, 25 (02): 157-64, 2004.

43. DEONTOLOGIA E LEGISLAÇÃO EM ENFERMAGEM II

Ementa: Trata-se de conteúdos de bioética e legislação profissional em enfermagem, favorecendo a discussão de temas presenciados no decorrer dos anos em campo prático, estimulando a narrativa de assuntos vivenciados dos alunos em suas aulas práticas e estágios curriculares. Conteúdos específicos da enfermagem e a participação do futuro profissional frente a estes dilemas, seu pensamento, sua posição e postura profissional.

Objetivos: incorporar a ciência/arte do cuidar como instrumento de interpretação profissional; refletir sobre o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional em saúde; debater sobre as experiências do processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética; e desenvolver pesquisas bibliográficas relacionadas a ética no agir profissional do enfermeiro.

Bibliografia Básica:

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Código de ética dos profissionais de enfermagem. Rio de Janeiro: 1993.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução 311: Código de ética dos profissionais de enfermagem. Rio de Janeiro 08 de fevereiro de 2007.

GELAIN, I. Deontologia e enfermagem. 3. ed. São Paulo: EPU, 1998.

OLIVEIRA, F. Bioética: uma face da cidadania. 2. ed. São Paulo: moderna, 1997.

VITAL-SANTOS D. Ensino da Bioética em cursos de graduação em Enfermagem: uma proposta metodológica. Dissertação (mestrado): Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

Bibliografia Complementar:

COUTO FILHO JCF, SOUZA FS, SILVA SS, YARID S, SENA ELS. Ensino da bioética nos cursos de Enfermagem das universidades federais brasileiras. Rev Bioét, 2013;21(1):179-85.

DINIZ, D; GUILHEM, D. O que é bioética? São Paulo: Brasiliense, 2002.

GERMANO, R. M. A ética e o ensino da ética na enfermagem do Brasil. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

JORNAIS: COFEN e COREN/MS.

LIRA, N. F.; BONFIN, M. E. S. História da enfermagem e legislação. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1989.

SILVA, J. Responsabilidade Civil do Enfermeiro. João Pessoa. 2006.

44. ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL E PSIQUIÁTRICA II

Ementa: Condicionantes do processo saúde/doença mental. Cuidado de enfermagem na assistência à portadores de transtorno mental e aos seus familiares. Espaço para cuidado da saúde mental dos alunos. Cuidado em saúde mental para cuidadores formais e informais.

Objetivos: compreender os condicionantes do processo saúde-doença mental; desenvolver a consulta de enfermagem em saúde mental para indivíduos e familiares; e utilizar técnicas adequadas que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde mental do ser humano.

Bibliografia Básica

- CARLSON, N. R. Fisiologia do comportamento. 7 ed. São Paulo: Editora Manole, 2004.
CURY, A. J. 12 semanas para mudar uma vida. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
KALINA, E. Os efeitos das drogas no cérebro humano: a contribuição das neurociências no campo da dependência química. São Bernardo do Campo: Comunidade Terapêutica Bezerra de Menezes, 1997.
SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. Manual de farmacologia psiquiátrica. 3 ed. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2002.
TOWNSEND, M. C. Enfermagem Psiquiátrica: conceitos de cuidados. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002.

Bibliografia Complementar

- BENETTON, L. G. Temas de psicologia em saúde: a relação profissional-paciente. São Paulo: L.G. Benetton, 2002.
GREEN, H. Nunca lhe prometi um jardim de rosas. Tradução Jayme Benchimol. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
HERCULANO-HOUZEL, S. Sexo, drogas, rock' n' roll..& chocolate: os prazeres da vida cotidiana. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.
KAPLAN, H. I.; SADOCK, B.J. Trad. Maria Cristina Monteiro, Daise Batista. Compêndio de psiquiatria. 2.ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1990.
KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. Trad. Dayse Batista. Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. 7.ed. Porto Alegre : Artes médicas, 1997. 1.169p.
KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. (org) Trad. José Octávio de Aguiar Abreu, Dayse Batista. Compêndio de psicoterapia de grupo. 3.ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996
MARI, J. J.; RAZZOUK, D.; PERES, M. F. T.; DEL PORTO, J. A. Psiquiatria: guias de medicina ambulatorial e hospitalar. São Paulo: Editora Manole, 2002.
NEDLEY, N. Como sair da depressão: prevenção, tratamento e cura. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
SILVA, A. B. B. Mentas perigosas: o psicopata mora ao lado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. SILVA, A. B. B. Mentas inquietas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

45. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

Ementa: Ontologia e conhecimento. Antropologia do cuidar: humanização do cuidado. Antropologia da dor: dor enquanto experiência. Aspectos sociais da dor. Conceitos básicos de Tanatologia e Tanatopedagogia.

Objetivos: possibilitar ao futuro profissional enfermeiro uma visão holística do ser humano. Entender o processo histórico relativo às discussões envolvendo a humanização da e na saúde. Compreender a questão da subjetividade como elemento em potencial a ser desenvolvido no ato de cuidar. Promover a reflexão sobre os enfrentamentos dos enfermeiros diante das adversidades de seu contexto de trabalho. Aprender a reconhecer a diversidade de olhares sobre (e com) o Homem na sua relação com o processo saúde- doença e morte no contexto de multi-culturalidade.

Bibliografia Básica:

- ARENDDT, Hanna. A condição humana. 12 ed., São Paulo: Forense Universitária, 2014.
SOUZA, D. O.; MAURÍCIO, J. C. A antinomia da proposta de humanização do cuidado em saúde. Saúde e Sociedade [online]. 2018, v. 27, n. 2 [Acessado 2 Setembro 2022], pp. 495-505. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018164811>; ISSN 1984-0470.
<https://doi.org/10.1590/S0104-12902018164811>.

LE BRETON, D. Antropologia da dor. São Paulo: Editora da UNIFESP, 2013.

LELOUP, J. Y. O corpo e seus símbolos. Petrópolis: Vozes, 2012.

MENEZES, A. N., MEDEIROS, M. M. Dicionário Crítico de Tanatologia. Dourados: Editora UEMS, 2020.

ROSELLÓ, F. T. Antropologia do Cuidar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Bibliografia Complementar:

NIETZSCHE, F. A gaia ciência. São Paulo: Escala, s/d.

PERDIGÃO, A. C.. A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: os pressupostos filosóficos. *Análise Psicológica* (2003), 4 (XXI): 485-497.

BALENCIERI, M. F.; KAHHALE, E. M. S. P. Promoção de resiliência em enfermeiras. São Paulo: CRV, 2011.

STEIN, E. Antropologia filosófica: questões epistemológicas. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2009.

REIS, A. O.; MARAZINA, I. V.; GALLO, P. R. A humanização na saúde como instância libertadora. *Saúde e Sociedade*, v. 13, n. 3, p. 36-43, set-dez 2004.

QUINTA SÉRIE

46. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO PARA ENFERMAGEM

Ementa: Implementação da assistência de enfermagem, individual e coletivamente, tanto em atenção primária, como secundária e terciária, com base na integralidade e na articulação entre teoria/prática e ensino/serviço. Aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), a clientes hospitalizados, em regime ambulatorial, ou domiciliar; desenvolver técnicas específicas da enfermagem; planejar e organizar suas ações aliada a administração de enfermagem nas organizações de saúde e do gerenciamento do cuidado, de recursos humanos, materiais e financeiros nos serviços de enfermagem e de saúde. Educação continuada e em saúde.

Objetivos: ser capaz de desenvolver ações de prevenção à doença, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de desenvolver pensamento crítico, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Deve realizar suas atividades com qualidade baseando-se no rigor científico, intelectual e ético de forma humanista, crítica e reflexiva, tanto em nível individual quanto coletivo; estar apto a tomar iniciativas, a gerenciar e a administrar recursos humanos, recursos físicos, materiais, financeiros e de informação.

Bibliografia básica:

ALFARO & LEFEVRE. Aplicação do processo de enfermagem: um guia passo a passo. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BARROS, S. M. O. (Org.). Enfermagem Obstétrica e ginecológica: guia para a prática assistencial. São Paulo: Roca, 2002.

BROOKS, S. M. Enfermagem na sala cirúrgica. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1990. CHAUD, M.

N. et al. O cotidiano na prática de enfermagem. São Paulo: Atheneu, 1999 CORDEIRO, H. Sistema Único de Saúde. Rio de Janeiro: Ayuri Editorial, 1994.

CHIAVENATTO, I. Recursos humanos. São Paulo: Atlas, 1996.

MORETTO, E. S. Os enfermeiros e o SUS: da realidade à possibilidade. Passo Fundo: UPF, 2001.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Saúde da Mulher. Urgências e emergências maternas: guia para diagnóstico e conduta em situações de risco de morte materna. Brasília, 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Saúde da Mulher. Gestações de Alto Risco. 3 ed. Brasília, 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília, 2001.

CAMARGO, M. Ética, vida e saúde. 6. ed. São Paulo: Vozes, 1981.

KAPCZINSKI, F. Emergências psiquiátricas. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis - Brasília, 2001.

SEGRE, C. A. M. Perinatologia fundamentos e prática. São Paulo: Sarvier, 2002.

WALEY & WONG – Enfermagem pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

17 REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA CONSTRUÇÃO DO PPCG

17.1 Legislação Federal

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;

Parecer CNE/CES nº 1.133 de 07 de agosto de 2001- Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição.

Parecer CNE/CES nº 03 de 07 de novembro de 2001- Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.

Parecer CNE/CES nº 067, de 11 de março de 2003 – Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para todos os Cursos de Graduação.

Parecer CNE/CP Nº 003, de 10 de março de 2004 – Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Parecer CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004 – regulamenta as leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências;

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 – regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei 10.098, de 18 de dezembro de 2000 – inclusão da Libras como disciplina curricular (licenciatura obrigatório, bacharelado optativo);

Resolução nº 3, de 2 de julho de 2007 – dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula, e dá outras providências;

Resolução nº 02, de 18 de junho de 2007 – dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial;

Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 – altera a Lei n. 9.394/1996, modificada pela lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”;

Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 – dispõe sobre o estágio de estudantes;

Resolução nº 4, de 6 de abril de 2009 – dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional, bacharelado, na modalidade presencial;

Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2010 – institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES;

Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012 – estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos;

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 – institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com transtorno do Espectro autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990;

Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 – aprova o Plano Nacional de Educação (PNE);

17.2 Legislação Estadual

Constituição Estadual, promulgada em 5 de outubro de 1988, art. 48 das Disposições Transitórias - cria a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul;

Lei nº 2.583, de 23 de dezembro de 2002 – dispõe sobre a autonomia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 3.3 Legislação do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (CEE/MS)

Deliberação CEE/MS nº 9.000, de 6 de janeiro de 2009 – dispõe sobre a educação a distância no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul;

Deliberação CEE/MS nº 9.042, de 27 de fevereiro de 2009 – estabelece normas para regulação, a supervisão e a avaliação de instituições de educação superior e de cursos de graduação e sequencial no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul;

Deliberação CEE/MS nº 9.662, de 24 de novembro de 2011 – dispõe sobre o Núcleo Docente Estruturante nas instituições de educação superior integrantes do Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul;

Deliberação CEE/MS nº 9.789/2012 – dispõe sobre os instrumentos de avaliação externa de instituições de educação superior Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul; 3.4 Legislação Institucional e Comum aos Cursos de Graduação 3.4.1 Legislação institucional

Deliberação CEE/MS nº 9943, de 19 de dezembro de 2012 – recredencia a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, sediada em Dourados-MS, pelo prazo de 06(seis) anos, a partir de 1/01/2013 a 31/12/2018;

Lei nº 4.621, de 22 de dezembro de 2014 – aprova o Plano Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências;

DELIBERAÇÃO CEE/MS N.º10.793, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2015 – renova o reconhecimento do Curso de Enfermagem, bacharelado, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, sediada em Dourados, MS, oferecido na Unidade Universitária de Dourados, localizada no município de Dourados, MS, pelo prazo de cinco anos, de 1º de janeiro de 2016 a 31 de dezembro de 2020. Publicada no Diário Oficial do Estado nº 9.079, de 07/01/2016, pág. 4.

Deliberação CEE/MS n. **11.956, de 13 de Abril de 2020** que dispõe sobre a prorrogação dos atos autorizativos da educação básica, etapas e modalidades, e da educação superior das instituições do Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

17.3 Criação, Credenciamento, Estatuto, Regimento Geral e Plano de Desenvolvimento Institucional da UEMS.

Deliberação CEE/MS nº 9943, de 19 de dezembro de 2012 – recredencia a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pelo prazo de 06 anos, de 1º de janeiro de 2013 a 31 de dezembro de 2018.

Decreto nº 9.337, de 14 de janeiro de 1999 – aprova o estatuto da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul;

Resolução COUNI-UEMS nº 227 de 29 de novembro de 2002, alterada pelas Resoluções nº. 352/2008, nº. 393/2001 e nº. 400/2012 – Edita o Regimento Geral da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

Resolução CEPE-UEMS nº 455, de 6 de outubro de 2004 – homologa a Deliberação CE/CEPEUEMS nº 057, de 20 de abril de 2004 – Aprova normas para utilização dos laboratórios da UEMS;

Deliberação CEE/MS nº 9943, de 19 de dezembro de 2012 – recredencia a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pelo prazo de 06 anos, de 1º de janeiro de 2013 a 31 de dezembro de 2018.

Resolução CEPE-UEMS nº 1.238, de 24 de outubro de 2012 – aprova o Regulamento do Comitê Docente Estruturante para os Cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS;

Deliberação CE/CEPE-UEMS nº 231, de 25 de abril de 2013 – aprova objetivos geral, ementa, bibliografia básica e complementar da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para os projetos pedagógicos dos cursos de graduação ofertados na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul;

Instrução Normativa PROE-UEMS nº 04, de 21 de março de 2014 – estabelece procedimentos para participação de servidores e acadêmicos em visitas técnicas com fins didáticos;

Resolução COUNI-UEMS Nº 438, de 11 de JUNHO de 2014 - Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, para o período de 2014 a 2018.

Deliberação CE/CEPE-UEMS nº 268, de 19 de novembro de 2016 – aprova normas para elaboração, adequação e reformulação de projetos pedagógicos dos cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul;

Instrução Normativa PROE-UEMS nº 07, de 8 de abril de 2004 – dispõe sobre as Diretrizes para elaboração de Relatórios de Autoavaliação dos Cursos de Graduação da UEMS.

RESOLUÇÃO CEPE-UEMS Nº 2.260, de 4 de dezembro de 2020.

RESOLUÇÃO COUNI-UEMS Nº 584, de 13 de janeiro de 2021.

RESOLUÇÃO CEPE-UEMS Nº 2.260, de 4 de dezembro de 2020.

INSTRUÇÃO NORMATIVA CONJUNTA PROE/PROEC/UEMS n.º 01/2022 de 03 de novembro de 2022.

17.4 Atos legais inerentes aos Cursos de Graduação da UEMS

Resolução CEPE-UEMS nº 455, de 06 de outubro de 2004, homologa a Deliberação CE-CEPE-UEMS nº 057, de 20 de abril de 2004 – que aprova as normas para utilização de laboratórios na UEMS.

Resolução CEPE-UEMS nº 867, de 19 de novembro de 2008, alterada pela Resolução COUNI-UEMS Nº 352, de 15 de dezembro de 2008 - Aprova o Regimento Interno dos Cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Instrução Normativa PROE-UEMS Nº. 01, de 27 de maio de 2010. Dispõe sobre os procedimentos administrativo-legais relacionados aos regulamentos do Trabalho de Conclusão de Curso, dos cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Instrução Normativa PROE-UEMS Nº. 02, de 09 de junho de 2010. Dispõe sobre os procedimentos administrativo-legais referentes a constituição da Comissão de Estágio Curricular Supervisionado e ao trâmite de aprovação do Regulamento de Estágio Curricular Supervisionado dos Cursos de Graduação da UEMS.

Resolução CEPE-UEMS Nº 1.144, de 25 de outubro de 2011 - Altera o art. 269 da Resolução nº 867, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, de 19 de novembro de 2008, que aprova o Regimento Interno dos Cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Projeto Pedagógico de Curso – Enfermagem - Bacharelado

Resolução CEPE-UEMS Nº 1.191, de 10 de maio de 2012 - Altera os arts. 171, 182, 185, 193 e 197 da Resolução CEPE-UEMS Nº 867, de 19 de novembro de 2008, que aprova o Regimento Interno dos Cursos de Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Deliberação CE/CEPE UEMS n. 245, de 20 de novembro de 2013 – aprova normas para elaboração, adequação e reformulação de projetos dos cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Deliberação CE/CEPE-UEMS n. 231, de 25 de abril de 2013, homologada pela Resolução CEPE-UEMS n. 1.330, de 16 de setembro de 2013 – aprova ementa, bibliografia básica e complementar da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para os projetos pedagógicos dos cursos de graduação ofertados na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e dá outras providências.

RESOLUÇÃO CEPE-UEMS Nº 1.865, de 21 de junho de 2017. *Homologa a Deliberação nº 268, da Câmara de Ensino, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, de 29 de novembro de 2016, que aprova normas para elaboração, adequação e reformulação de projetos pedagógicos dos cursos de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.*

17.5 Atos legais específicos do Curso de Enfermagem

Resolução CEPE/UEMS nº 454 de 06 de outubro de 2004 – Homologa a Deliberação nº 056 da Câmara de Ensino do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão com alterações que aprova o Regulamento das Aulas Práticas das Ciências da Enfermagem do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Resolução CEPE/UEMS nº 711 de 24 de abril de 2007 – Homologa a Deliberação nº 112 de março de 2007, da Câmara de Ensino do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão com alterações que aprova a adequação do Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

17.6 Geral

AMORIM, Mariana Lima Braga de; REIS, Karine Marques Costa dos. Teorias de Enfermagem e sua relação com valores e crenças individuais do ser humano. In: NEVES, Rinaldo de Souza et al. Processo de enfermagem: método baseado em teorias, sistemas de classificações e casos clínicos. Goiânia, GO: Editora IGM, 2022. Disponível em:
<https://editoraigm.com.br/wp-content/uploads/2022/05/Livro-Processos-de-Enfermagem-2022-978-65-80508-43-3-vs_digital.pdf#page=19> Acesso em: 22 ago. 2022.

BARROS, Alba Lúcia Bottura Leite de; BISPO, Gisele Saraiva. Teorias de enfermagem: base para o processo de enfermagem. In: ANAIS DO ENCONTRO INTERNACIONAL DO PROCESSO DE ENFERMAGEM, 2017, Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2017. Disponível em:
<<https://proceedings.science/enipe/papers/teorias-de-enfermagem--base-para-o-processo-de-enfermagem>> Acesso em: 24 ago. 2022.

DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona; HOWARD, Laura; EGRON-POLACK, Eva. The internationalisation of higher education. Brussels: European Parliament, Committee on Culture and Education, 2015.

MOODLE, 2022. Disponível em: https://docs.moodle.org/all/pt_br/Sobre_o_Moodle Acesso em 04 jul. 2022.

MORAIS, Teresa Christine Pereira; RIBEIRO, Maria Cecilia. Teorias, Sistematização e Processo de Enfermagem: a busca pela cientificidade nas práticas assistenciais. In: NEVES, Rinaldo de Souza et al. Processo de enfermagem: método baseado em teorias, sistemas de classificações e casos clínicos. Goiânia, GO: Editora IGM, 2022. Disponível em:
<https://editoraigm.com.br/wp-content/uploads/2022/05/Livro-Processos-de-Enfermagem-2022-978-65-80508-43-3-vs_digital.pdf#page=19> Acesso em: 22 ago. 2022.

OLIVEIRA, Simone Luzia Fidélis de; CARVALHO, Jade Fonsêca Ottoni de; GUILHEM, Dirce Bellezi. Enfermagem Forense e Sistematização da Assistência de Enfermagem: atendimento à mulher vítima de violência sexual. In: NEVES, Rinaldo de Souza et al. Processo de enfermagem: método baseado em teorias, sistemas de classificações e casos clínicos. Goiânia, GO: Editora IGM, 2022. Disponível em: <https://editoraigm.com.br/wp-content/uploads/2022/05/Livro-Processos-de-Enfermagem-2022-978-65-80508-43-3-vs_digital.pdf#page=19> Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTOS, Bruna Pegorer Santos et al. Formação e práxis do enfermeiro à luz das teorias de enfermagem. RELATO DE EXPERIÊNCIA • Rev. Bras. Enferm., v. 72, n.2, mar/abr 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/S6CTSqv6CX3WhvsbZcrffPr/?lang=pt&format=html#>> Acesso em: 24 ago. 2022.